



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**  
**Faculdade de Direito e Relações Internacionais**  
**Curso de Relações Internacionais - FADIR**

**ANDRÉS GUILHERME KUNDE**

**FUTEBOL E RELAÇÕES DE PODER**  
**O jogo para além das quatro linhas**

**Dourados - MS**  
**fevereiro/2014**

**ANDRÉS GUILHERME KUNDE**

**FUTEBOL E RELAÇÕES DE PODER**  
**O jogo para além das quatro linhas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador(a): Prof. Mestre Matheus de Carvalho Hernandez

**Dourados - MS**  
**Fevereiro/2014**



## **AGRADECIMENTOS**

A minha família, pelo apoio incondicional. Ao meu mestre e orientador Prof. Matheus de Carvalho Hernandez pelo direcionamento e pelas excelentes sugestões. Aos meus amigos, que mesmo estando longe sempre me apoiaram. Aos colegas de sala, pelas ideias e opiniões.

O futebol não é uma questão de vida ou de morte.

É muito mais importante que isso...

(Bill Shankly)

## **RESUMO**

O campo do esporte, bem como do futebol, tem pouca produção dentro da área das Relações Internacionais, mas o grande poder de sedução do esporte e seu impacto econômico não podem ser ignorados. O futebol, há muito tempo, deixou de ser apenas um jogo e tem sido utilizado como ferramenta de poder por Estados e por entes privados (como a FIFA e o COI). Neste trabalho são abordados casos históricos em que a íntima relação entre futebol e poder pode ser percebida.

Palavras-chave: Futebol, poder, Relações Internacionais.

## **ABSTRACT**

The area of the sport as well as football, has just a few productions within the area of International Relations, but the great power of seduction of the sport and its economic impact can't be ignored. Football has long time ceased to be just a game and has been used as a tool of power by states and private entities (such as FIFA and the IOC). In this paper are discussed historical cases where the intimate relation between football and power can be perceived.

Key words: Football, power, International Relations.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO I – FUTEBOL E RELAÇÕES DE PODER: CASOS CLÁSSICOS .....	16
1.1 – O Nazi-fascismo .....	16
1.2 – A questão africana .....	18
1.3 – A Guerra do Futebol .....	19
1.4 – Malvinas/Falklands .....	22
1.5 – A Iugoslávia e as guerras étnicas .....	23
1.6 – Israel: geograficamente asiático, futebolisticamente europeu .....	25
1.7 – Estados Unidos, Irã e o Xá .....	27
CAPÍTULO II – AS DITADURAS: FUTEBOL NOS TEMPOS DO CONDOR .....	30
2.1 – Argentina .....	30
2.2 – BRASIL .....	34
2.3 – CHILE .....	37
2.4 – URUGUAI .....	39
CAPÍTULO III -A FIFA, SUA AUTORIDADE E A COPA DO MUNDO DE 2014.....	42
CAPÍTULO IV – UMA PAUSA NO FUTEBOL: AS OLIMPÍADAS .....	49
4.1 – Renascimento e as duas guerras .....	51
4.2 – O Pós II Guerra Mundial, a Guerra Fria e as disputas ideológicas .....	52
4.3 – O Fim da Guerra Fria e o admirável mundo novo .....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	57
REFERÊNCIAS.....	61



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como título: Futebol e Relações de Poder: O jogo para além das quatro linhas. Ele se insere em uma grande temática cada vez mais relevante: a relação entre **Esporte e Relações Internacionais**. Seu objeto é o **Futebol e as Relações de Poder**. Nesse sentido tem como objetivo geral analisar como o futebol tem sido utilizado como ferramenta de poder (tanto por Estados como por entes privados) ao longo do tempo, quais as implicações, as consequências dessa utilização e demonstrar, por meio de casos históricos que o futebol, e o esporte como um todo é um ótimo meio, e amplamente utilizado, para promoção de Estados. A pergunta a ser respondida é justamente: como o futebol tem sido utilizado como ferramenta de poder ao longo do tempo? Sua importância é justificável devido à pequena existência do tema nas produções brasileiras de Relações Internacionais, mesmo entre os autores que utilizaram abordagens menos tradicionalistas e mesmo o futebol (e o esporte como um todo), assim como a realização de grandes eventos sendo fenômenos ricos de observação das relações políticas e econômicas. Suppo (2012) justifica essa ausência do tema na área das Relações Internacionais pois, segundo ele:

Entre esporte e as Relações Internacionais, havia o que Taylor (1986) chama de “negligência mútua” [...] já que ambos consideravam que operavam em domínios separados. Isso lhe parecia surpreendente dado o papel que o esporte tinha adquirido como elemento significativo nos assuntos internacionais e pelo fato de que os próprios governos consideravam o esporte importante demais para ser ignorado. (SUPPO, 2012, p. 412).

Dessa forma, segundo Suppo (2012), o grande poder de sedução do esporte e seu impacto econômico não podem ser ignorados, nem pelos Estados nem pela indústria cultural.

Os governos utilizam-se de muitas ferramentas para controlar e manipular a população, algumas delas arbitrarias, algumas imperceptíveis, algumas aceitáveis e talvez a mais aceitável delas seja a esportiva, devido à íntima relação da população com o esporte e à linguagem simples que é necessária nesse meio. A internacionalização do esporte pode ser observada acentuadamente após a I Guerra Mundial com o surgimento dos veículos de comunicação de massa, quando o esporte tornou-se um espetáculo. Nesse contexto, o futebol apresenta um grande destaque, pois é de longe o esporte mais popular do mundo e cresceu muito em importância social, política e comercial ao longo do século XX, quando foi o único meio de demonstração de nacionalismos e regionalismos para alguns, como no caso da

Espanha de Franco e das Repúblicas da Iugoslávia, casos que serão explicitados mais adiante neste trabalho.

Não há uma relação de causalidade propriamente dita entre futebol e poder (pois o futebol pode ser “causa” de conflitos ou “efeitos” desses conflitos). O futebol, na condição de constituinte do tecido social (atingindo inclusive o nível internacional) integra e interage com vários fenômenos relativos às relações entre os Estados e dos Estados com suas populações e, como é uma prática social mundialmente difundida, é fonte de legitimidade política a partir do século XX e por isso é utilizado instrumental e economicamente pelos Estados e por entes privados (como a FIFA e o COI).

Antes dos anos sessenta, o esporte representava um interesse marginal para alguns governos, como Estados Unidos e União Soviética. Com o advento da Guerra Fria e o mundo bipolar, o esporte transformou-se em arma ideológica, principalmente utilizada pelos socialistas para demonstrar as vantagens de seu regime. Em um mundo bipolar, no qual qualquer sucesso era motivo de comemoração e divulgação para demonstrar que se era superior ao “adversário”, União Soviética, Cuba e Alemanha Oriental utilizavam-se muito bem do sucesso olímpico para promover o socialismo, levando em conta a ideia de que “medalhas olímpicas transformam-se em moeda no mercado ideológico”. (VASCONCELLOS, 2011, p. 17) Contudo, às vezes, como no caso da Alemanha Oriental, essa promoção se mostrou algo forçado, seguindo métodos não muito convencionais e nem muito corretos, utilizando *doping*<sup>1</sup> nos atletas. Há inclusive um caso de uma ex-atleta da Alemanha Oriental que, devido à exagerada quantidade de esteróides que era forçada a ingerir, acabou adquirindo tantos traços masculinos que optou por realizar a cirurgia de mudança de sexo<sup>2</sup>. Logicamente houve casos de *doping* em atletas de outros países, mas a Alemanha Oriental merece destaque pois com sua ideologia de uma medalha por cabeça (por isso eram priorizados os esportes individuais), os atletas e as medalhas eram gerados quimicamente nos laboratórios do programa desportivo do país. Também merece destaque o caso da atleta citada pelo fato de ser uma mulher e as doses de esteróides aplicadas nela serem muito maiores que as doses utilizadas pelo velocista canadense Ben Johnson, campeão olímpico dos 100 metros rasos em Seul (1988), quando, em apenas 48 horas, quebrou duas

---

<sup>1</sup> Doping é uma palavra de língua inglesa que, em uma tradução livre para o português significa dopagem. É a utilização de substâncias proibidas para melhorar o rendimento, deixando o atleta mais forte, mais rápido e conferindo-lhe vantagens nas competições.

<sup>2</sup> Heidi Krieger, ex-atleta do lançamento de peso, foi submetida à doses excessivas de esteróides, o que acabou por provocar-lhe uma *masculinização* Medalha de ouro no Campeonato Europeu de Atletismo de 1986, Heidi iniciou o processo de transição para ser reconhecida legalmente como homem em 1997 e mudou seu nome para Andreas.

vezes o recorde mundial, surpreendendo a todos. Apenas dois dias após se tornar campeão olímpico, ficou provado que ele havia competido *dopado*, e a medalha foi devolvida e entregue ao segundo colocado na prova. Não posso afirmar se os casos recorrentes de doping na antiga Alemanha Oriental eram uma política deliberada do governo, eram ação específica do atleta ou de seu técnico, mas eles eram maiores que na maioria dos outros países.

Além dos Estados, a ONU também utiliza-se muito bem do esporte para promover sua política de relações públicas internacionais. Como Vasconcellos (2011) cita, comumente esportistas são designados *Embaixadores da Paz* ou *Embaixadores da Boa vontade*, como Pelé, Ronaldo, Gustavo Kuerten e Muhamed Ali. Também destaca-se a escolha do jogador de futebol brasileiro Kaká como Embaixador contra a fome do Programa Alimentar Mundial (PAM) em 2004. A escolha dele foi impulsionada pelo fato de que o governo brasileiro aparecia como liderança internacional justamente na área de combate à fome e à pobreza. Em 1994, ainda no conflituoso processo de separação e divisão da Iugoslávia, foi realizada uma partida de futebol entre um combinado da UNPROFOR<sup>3</sup> e o Sarajevo Club e, mesmo com a paz ainda não completamente restabelecida, isso foi um sinal de que ela não era impossível.

Os acontecimentos esportivos (como a Copa do Mundo e as Olimpíadas) são um grandioso instrumento para qualquer país divulgar internacionalmente suas características, qualidades e potencialidades, além de ser uma ótima forma de se adquirir receitas. Um bom exemplo disso é a Austrália, sede das Olimpíadas de 2000, quando, conforme cita Vasconcellos (2011), com a realização dos Jogos, conseguiu o primeiro superávit comercial em três anos. A venda dos direitos de transmissão somada aos gastos dos turistas provocaram um lucro de US\$ 352 milhões.

Assim, dessa nova importância e nova utilização do esporte pelos governos, como ferramenta de promoção ideológica, o futebol ganha um destaque especial. O futebol, principalmente na América Latina, tem uma relevância política muito grande e é “um dos mais eficazes mecanismos de mobilização social nos dias de hoje” (RINKE in: RIBEIRO, p.187), além de ser um recurso de identidade regional, nacional e continental bem como uma inspiração para a produção artística e literária e parte importante dos processos de mudança cultural do século XX. Também, desde os anos 1920, quando as seleções conseguiam algum êxito internacional, os presidentes (principalmente brasileiros, argentinos e uruguaios) se vangloriavam do sucesso futebolístico como sendo um reflexo do sucesso político.

---

<sup>3</sup> United Nations Protection Force. Missão de Paz da ONU na Iugoslávia.

No Brasil, enquanto trabalhava pela demarcação das nossas fronteiras, o Barão do Rio Branco recomendava “o apoio das elites políticas à prática dos esportes, principalmente os de massa, pois considerava propiciatórios da construção de sentimento e de identificação nacional”. (VASCONCELLOS, 2011, p. 13) Durante o primeiro governo Vargas, o futebol foi utilizado como recurso de orgulho nacional e como promotor da pretendida integração nacional. Processo parecido se viu na Argentina de Perón, que, para mobilizar a massa, utilizou o futebol como promotor da higiene da população e proclamou o dia da primeira vitória contra a Inglaterra como “Dia do Futebolista”. No México, o Chivas, de Guadalajara, tem somente jogadores mexicanos, enquanto seu rival América joga com muitos estrangeiros. Assim, o jogo entre Chivas e América significa um enfrentamento da sociedade que busca manter sua identidade contra a que valoriza mais a influência estrangeira. Também temos o exemplo dos torcedores bolivianos, que nos jogos da seleção cantam: “Viva Bolivia toda la vida con su litoral”, referindo-se à perda (ainda não superada) de sua costa na Guerra do Pacífico (1879-1883).

O futebol é o esporte mais popular no mundo tanto por seus jogadores quanto por seus torcedores. Um chute livre que passa por cima da barreira do adversário, um drible genial em quatro ou cinco zagueiros, um passe perfeito para o outro lado do campo, uma jogada acrobática, um chute ou uma cabeceada de tirar o fôlego – há muitos lances emocionantes em cada partida, mas o foco é sempre a bola.<sup>4</sup>

A definição acima, extraída do site da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) traz uma visão sobre o futebol que vem se demonstrando demasiadamente romântica. Não estou afirmando que um jogo de futebol não apresenta mais lances emocionantes (eles são cada vez em maior número e mais bonitos), mas sim acredito que cada vez mais o foco de uma partida de futebol se afasta mais da bola. Quando os ingleses “inventaram”<sup>5</sup> o futebol, o jogo tinha o intuito de divertir, era um passatempo que logo se tornou profissão e um meio de arrecadação de dinheiro. Mas não demorou muito para perceber-se que o futebol servia também como um grande instrumento, interferindo nas relações de governos com suas próprias populações ou nas relações com outros países.

---

<sup>4</sup>Fonte: <http://pt.footballs.fifa.com/Conceito/Sobre-FIFA> -, acesso em 22/05/2013.

<sup>5</sup> Coloco inventaram entre aspas pois, conforme Guilianotti, (2010, p.15), há relatos de civilizações praticando variantes do futebol, algo primitivo ao que conhecemos hoje, em 1.500 a.C.)

O futebol ao redor do globo (incluindo pagamento de direitos de transmissão, *marketing*, patrocínios, passes de jogadores, promoção dos campeonatos, vendas de ingressos, venda de produtos licenciados, etc.), movimentou quantidades astronômicas de dinheiro<sup>6</sup>. As cifras milionárias da FIFA, que obteve um lucro de 145 milhões de Euros em 2009 (um aumento de 9 milhões em relação a 2008), possibilitou ajudas a países atingidos por desastres naturais, como o Haiti (2,2 milhões de Euros) e Chile (890 mil Euros). Ainda, conforme Machado (2009) afirma: “[...] a FIFA, individualmente ou em conjunto com organizações como a Cruz Vermelha e a ONU, mantém programas de cooperação com vários países em desenvolvimento.” (MACHADO, 2009, p. 39). Atualmente, o futebol se tornou muito mais do que um esporte, apresentando uma grande relevância política (além do impacto econômico). É nesta relevância política que me focarei. Existem mais países filiados à FIFA<sup>7</sup> do que membros da ONU (segundo dados de Julho de 2013, eram 209 filiados à FIFA e 193 membros da ONU). Talvez isso possa ser explicado pelo grande número de divisões de Estados que tivemos no mundo pós Guerra Fria e o fato de algumas delas não serem aceitas pela ONU. “No caso das nações que ainda não construíram seu Estado, uma equipe de futebol pode ser etapa preparatória importante no plano psicológico. A nação corporifica-se em um time enquanto não pode fazê-lo em um Estado”. (FRANCO JUNIOR, 2007. p. 178) O brasileiro João Havelange, ex-presidente da FIFA, certa vez afirmou que esta é a maior empresa multinacional do mundo, pois segundo ele, o futebol emprega, direta ou indiretamente, 450 milhões de pessoas. Supondo que cada uma dessas pessoas esteja ligada a uma família de quatro pessoas, teremos 1,8 bilhão de pessoas vivendo do futebol, quase um terço da população mundial. A FIFA exerce uma influência real, nos âmbitos político, econômico e social e em um cenário internacional no qual o esporte ganha cada vez mais espaço, consegue uma força cada vez maior e a Copa do Mundo, o maior evento futebolístico do planeta, é também uma grande vitrine para o país sede,

Portanto, pode-se dizer que um evento como a Copa do Mundo de Futebol constitui uma oportunidade ímpar para que as relações internacionais trabalhem ainda mais ativamente em prol dos interesses do país, ao mesmo tempo fortalecendo sua política externa. (DA SILVA, 2010, p. 9)

---

<sup>6</sup> Segundo a FIFA, foram R\$ 8 bilhões apenas com transferências de jogadores na primeira janela (entre 1º de janeiro e 2 de setembro de 2013)

<sup>7</sup> Atualmente só são aceitos como novos membros da FIFA países que tenham de fato obtido sua independência. O último membro integrado foi o Sudão do Sul, em maio de 2012.

Clausewitz afirma que a guerra é “a continuação da política por outros meios”<sup>8</sup>. (BONIFACE, 2002, p.6) Assim, poderíamos considerar o futebol como a continuação (ou prevenção) da guerra por outros meios? Na opinião do autor que vos escreve, não só podemos, como devemos considerar essa condição. O futebol não é a mesma coisa que o cristianismo ou o budismo por exemplo, mas parece provocar um sentimento de magnitude parecida com a religião, assim é uma parte do tecido comunitário. Durante o regime do General Franco, na Espanha, a população basca somente podia expressar sua cultura sem ir para a cadeia durante os jogos da Real Sociedad e do Atlético de Bilbao. Fato similar ocorria com o Barcelona, quando somente nos jogos realizados no Camp Nou os catalães podiam gritar e “bradar contra o regime em sua própria e banida língua” (FOER, 2005, p. 171). Franco (torcedor declarado do Real Madrid) tinha suas razões para punir (no campo político) os torcedores do Barcelona, pois a região da Catalunha foi a que sustentou por mais tempo a oposição ao golpe. Segundo Foer (2005), o nacionalismo catalão não é uma doutrina racial ou teocrática, mas sim um credo profundamente cívico. Assim, estrangeiros podem tornar-se catalães porque a ideologia catalã sustenta que a cidadania é adquirida. Assim, dentro dos seus limites, o Barcelona permite aos catalães imaginar que se integram a uma luta secular contra Madrid e o centralismo castelhano. Para Foer, são muito raros exemplos de *hooligans*<sup>9</sup> do Barcelona enfrentando torcedores do Real Madrid, pois eles não odeiam um grupo de pessoas, mas sim uma ideia: o centralismo castelhano. E numa ideia não se pode bater. Durante a semifinal da Copa Generalíssimo Franco, em 1943 (primeiros anos de ditadura) entre Barcelona e Real Madrid, o diretor de segurança do Estado entrou no vestiário do Barcelona antes do jogo e, conforme Foer (2005) cita, lembrou os jogadores que muitos deles tinham acabado de retornar à Espanha do exílio, graças a uma anistia, portanto só estavam jogando graças à generosidade de Franco que tinha perdoado a falta de nacionalismo. O recado foi facilmente entendido e o resultado do jogo foi Real Madrid 11 x 1 Barcelona. Ainda, segundo alguns autores, Franco deu uma ajuda decisiva ao Real na contratação do melhor jogador dos anos 1950, Alfredo di Stefano, mesmo o Barcelona já tendo um acordo firmado com ele. Franco também concedia honrarias e medalhas ao Real, quando esse se sagrava campeão, que não eram concedidas aos outros times vencedores. Foer (2005), citando

---

<sup>8</sup> No original: war is the continuation of politics by other means

<sup>9</sup> Hooligan significa, em uma tradução livre para o português, desordeiro. Refere-se a um comportamento destrutivo e desregrado. Tal comportamento é comumente associado a fãs de desportos, principalmente adeptos de futebol e desportos universitários

Paul Preston, diz que: “Franco via as vitórias do Real Madrid e da seleção nacional espanhola como, de alguma forma, suas” (FOER, 2005 p. 178).

Hoje em dia, nos jogos mais importantes do Barcelona, principalmente no clássico contra o Real Madrid, é comum a torcida cantar pela independência aos 17 minutos e 14 segundos do primeiro ou do segundo tempo. Esse ato faz uma alusão ao ano de 1714, quando a Catalunha caiu diante do exército castelhano durante a Guerra da Sucessão Espanhola. Também vale destacar, conforme assinala Vasconcellos (2011) que a Catalunha “consegue obter do Estado espanhol autorização para realizar uma única apresentação por ano de seu time de futebol”. Em 2002 e 2004 esses jogos foram realizados contra a seleção brasileira, terminando com vitória do Brasil por 3x1 e 5x2 respectivamente. Obviamente a “seleção catalã” não apresenta uma força suficiente para encarar seleções do nível da brasileira, mas o fato de reunirem apenas jogadores catalães em seu estádio e poderem expressar mais ativamente seu nacionalismo, já é uma grande festa para o povo da Catalunha. Também, esse ato é uma “medida de centralismo político para arrefecer potenciais manifestações públicas de afirmação separatista” (VASCONCELLOS, 2011, p. 8)

O trabalho *Futebol e Relações de Poder: O jogo para além das quatro linhas* busca explicar como se dá essa relação que, muitas vezes nem é percebida, mas é comumente utilizada. Assim, somados aos fatos já relatados nessa breve introdução o trabalho será dividido em quatro capítulos. No capítulo I, serão explicitados e analisados casos clássicos de relações entre o futebol e as relações de poder entre Estados ou de Estados para com sua população. No capítulo II serão discutidas as relações entre as ditaduras de Argentina, Brasil, Chile e Uruguai e o futebol. Cada país receberá uma seção. No capítulo III, será analisada a FIFA, entidade máxima do futebol, sua estrutura e sua ingerência nos Estados, sua importância e abrangência. No capítulo IV, serão observados casos de Relações de Poder nas Olimpíadas. Este último capítulo será breve, já que o enfoque do trabalho é o futebol, contudo existem casos que não envolvem o futebol, mas que não poderiam ser deixados de lado, tendo em vista sua magnitude política.

## CAPÍTULO I – Futebol e Relações de Poder: casos clássicos

O futebol deixou de ser apenas um jogo, um modo de divertimento e de passar bons momentos com amigos. Tornou-se um modo de se explorar atletas e marcas e também um excelente modo para governos se promoverem ou para transferirem divergências políticas para o campo desportivo. Neste capítulo, serão analisados casos clássicos nos quais o futebol foi utilizado como ferramenta de Estados, seja para com outros Estados, seja para com sua própria população. Novamente enfatizo que o critério para a escolha dos casos levou em consideração a opinião pessoal do autor, pois considero que, apesar de existirem inúmeros outros casos que poderiam ser relatados aqui, transformando este trabalho em um livro, os escolhidos são os mais importantes.

Joseph Nye identifica três categorias de países capazes de conquistar e utilizar seu *soft power* :

(1)those whose dominant culture and ideas are closer to prevailing global norms (which now emphasize liberalism, pluralism and autonomy) (2) those with the most access to multiple channels of communication and thus more influence over how issues are framed, and (3) those whose credibility is enhanced by their domestic and international performance. (NYE, 2002 p.69)

Para alguns países a melhor forma de promoção de seu *soft Power* é através do esporte. Segundo Nye o Brasil, por exemplo, possui dois elementos essenciais de *soft Power* no plano internacional: “a cultura popular do carnaval e o futebol” (NYE, 2012, p.11).

### 1.1 – O Nazi-fascismo

A Itália de Mussolini utilizava-se muito bem da cultura física como um aspecto fundamental da solidificação de sua ideologia fascista, através do financiamento e construção de estádios, pistas de ciclismo, pistas de atletismo, piscinas. Quando Mussolini percebeu que poderia se utilizar do futebol para manipular a população, tratou logo de assumir os encargos para conseguir ser sede da II Copa do Mundo, a ser realizada em 1934. Quando logrou êxito, Mussolini tratou logo de vincular a conquista ao sucesso dos dez anos de seu regime fascista, tanto que uma das imagens oficiais da Copa era um jogador com a bola no pé e realizando a típica saudação fascista (imagem 1). O *Duce* esteve presente em todos os jogos da seleção no torneio, juntamente com uma infinidade de propagandas fascistas.



Mussolini, querendo acabar com nomes que remetiam à língua inglesa, mudou o nome de alguns times da Itália, assim o AC Milan, passou a se chamar Milano, e a Internazionale passou a se chamar Ambroina. Os dois times voltaram a utilizar os antigos nomes em 1945. Contudo, a maior influência de Mussolini foi percebida durante a realização de duas Copas do Mundo. Estádio Nacional do Partido Nacional Fascista, Roma, Itália, 10 de Junho de 1934, final da Copa do Mundo. Antes de o jogo entre Itália e Tchecoslováquia começar, o trio de arbitragem, formado por Ivan Eklind(SUE), Louis Baert(BEL) e Mihaly Ivancsics(HUN) fez a saudação fascista no campo de jogo<sup>10</sup>.

1938 era novamente ano de Copa, e Mussolini ainda governava a Itália. A Copa foi realizada na França, França esta que apresentava uma relação conturbada com a Itália pois Mussolini havia hostilizado o governo francês em uma de suas declarações, por isso, os defensores do título mundial foram recebidos de uma forma muito hostil. Novamente o *Duce* não mediu esforços para ver a Itália campeã. Enquanto todas delegações viajavam entre as sedes de trem, o ditador disponibilizou um avião para a *Azzurra*<sup>11</sup>. Quando a Itália venceu o Brasil na semifinal, Mussolini declarou: “Saudamos o triunfo da inteligência itálica sobre a força bruta dos negros” (AGOSTINO, 2011, p.65) e antes da partida decisiva, contra a Hungria, chegou um telegrama na concentração italiana com a mensagem: “Vencer ou morrer”. A partida terminou em 4x2 para a Itália e o goleiro húngaro Antal Szabo declarou: “Levei quatro gols, mas salvei onze vidas”. Com a eclosão da II Guerra Mundial, as Copas de 1942 e 1946 não foram disputadas e Mussolini, que ficou no poder até 1943, não conseguiu dar mais um título mundial para a Itália.

Assim como a Itália, a Alemanha também viveu sob a tutela de um regime autoritário nos anos 1930 e 1940. Em janeiro de 1933, Adolf Hitler recebeu a nomeação de Chanceler alemão. Entre 1933 e 1939, a Alemanha governada pelo Partido Nazista transformou-se de um país corrupto e pobre em uma superpotência mundial e Hitler, em 1939, era o líder mais popular da Europa (quicá do mundo). O anseio de expandir as fronteiras do país levou Hitler a invadir territórios vizinhos. Primeiro, a Alemanha retomou o controle da Birmânia, anexou a Áustria, os Sudetos, a Boêmia e a Morávia. Com a invasão à Polônia, veio a declaração de

---

<sup>10</sup> Reza a lenda que, antes do jogo final do torneio, o alto escalão da FIFA, assim como o árbitro do jogo, foram convidados a jantar com Mussolini. Esse encontro nunca foi confirmado, mas a saudação fascista antes do início do jogo e o visível favorecimento da arbitragem à Itália no decorrer do jogo fazem crer que é bem provável que ele tenha ocorrido.

<sup>11</sup> Squadra Azzurra é como é conhecida a seleção italiana de futebol. A cor tradicional da camisa do uniforme da Itália é uma homenagem à casa real italiana de Saboia, que reinou o país de 1861 até 1946 e tinha a cor azul claro (azzurro em italiano) como predominante em seu brasão. Daí vem o apelido *Squadra Azzurra* para a seleção e *Azzurri* para os membros da seleção.

Guerra por parte da Inglaterra e da França e deflagrou-se a II Guerra Mundial. Durante a Guerra, a Alemanha expandiu-se territorialmente mais ainda, mas Hitler ficou famoso graças a sua perseguição às minorias, principalmente aos judeus pregando a superioridade racial ariana, e para tanto, o futebol também serviu como instrumento.

Durante um amistoso entre Inglaterra e Alemanha (que já apresentavam relações tensas) em 14 de maio de 1938, quando as duas seleções estavam perfiladas, a seleção inglesa fez a saudação nazista (Imagem 2). As imagens correram o Mundo, mas isso não significava que os ingleses estavam apoiando Hitler ou o seu regime, e sim, conforme cita Amazarray (2011) que estavam com medo de que uma hostilidade dentro de campo pudesse ser a faísca para um conflito armado iminente.

Hitler possuía o apoio da Federação Alemã de Futebol e de quase todos os clubes. Apenas o Bayern de Munique, que tinha a fama de “clube dos judeus”, justamente por acolher os atletas perseguidos pelo regime, não se engajou no projeto nazista. Inclusive, o presidente do clube à época, Kurt Landauer, chegou a ser mandado para um campo de concentração.

Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1938. A Áustria era uma das melhores seleções da época e fez uma bela campanha nas eliminatórias, conseguindo a classificação para o Mundial. Contudo, veio a invasão e anexação nazista e cinco jogadores austríacos foram “convocados” a defender a seleção alemã. Matthias Sindelar, o maior craque austríaco até hoje, se recusou a defender o time de Hitler. Resultado: a Áustria não disputou a Copa (que teve uma seleção a menos, pois a Inglaterra recusou o convite para assumir o lugar da Áustria) e ocorreu o primeiro e até hoje único W.O da história das Copas, no jogo Áustria x Suécia. Segundo Amazarray (2011) o fracasso do super time nazista na Copa e a recepção contrária da torcida da casa eram o atestado de que o regime de Hitler havia esgotado suas fichas no futebol como ferramenta de promoção nacional. Sindelar foi encontrado morto em sua casa, em 23 de janeiro 1939, juntamente com sua namorada. Segundo o laudo oficial, a causa da morte foi envenenamento por monóxido de carbono, mas suspeita-se que os dois tenham sido assassinados pela Gestapo<sup>12</sup>.

## **1.2 – A questão africana**

O processo de colonização, divisão e independência do continente africano foi bastante conturbado. O controle europeu no continente durou até a primeira metade do século XX, quando, enfraquecidos pelas Guerras Mundiais, não tinham mais como manter o domínio

---

<sup>12</sup> Gestapo é o acrônimo de Geheime Staatspolizei, que significa polícia secreta do Estado.

político e econômico. Surgiram então movimentos independentistas, que juntamente com a Conferência de Bandung (1955), levou às negociações de independência dos países africanos, algumas alcançadas apenas após anos de guerra (como no caso da Argélia e do República Democrática do Congo).

A independência não trouxe a paz e a tranquilidade consigo, pois os problemas existentes permaneceram e conflitos internos eram comuns. A República Democrática do Congo em 1969 vivia uma sangrenta guerra civil e o Santos(de Pelé) iria disputar um jogo amistoso no país, como parte de sua excursão pelo continente africano. Assim que a delegação do Santos chegou ao país, os dirigentes foram informados do conflito e, por razões óbvias, optou-se pelo cancelamento do jogo. A notícia de que a população não poderia ver o “rei do futebol” jogar causou uma grande comoção no país, inclusive entre as partes em luta que decidiram, em comum acordo, parar a guerra para que o jogo pudesse ser realizado. Assim foi feito e, durante o tempo em que o Santos esteve na região para a realização de duas partidas, a paz reinou e nenhum tiro foi disparado. Bastou Pelé e sua turma entrarem no avião para o conflito recomeçar.

### **1.3 – A Guerra do Futebol**

“Alguns gritos, algumas sussurras. E não haverá mais Honduras”  
(mensagem repetida pelas rádios Salvadorenhas)

"Hondurenho, pegue um pau e mate um salvadorenho"  
(Adesivo fixado na maioria dos carros em Honduras)

Honduras x El Salvador, eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970. Antes do apito inicial, a batalha já tinha um potencial explosivo, graças à questão fundiária envolvendo os dois países: El Salvador, o menor país da América Central, possuía a maior concentração demográfica do continente (160 hab/km<sup>2</sup>), ou seja, faltavam terras para a população, principalmente por que a maioria delas estava concentrada nas mãos de catorze ‘famílias’. Cem latifundiários possuíam mais terras que cem mil camponeses. Isso gerou um êxodo populacional para Honduras, que é seis vezes maior territorialmente e possuía metade da população de El Salvador. Durante anos, os hondurenhos não deram muita importância para essa migração (apesar de ela ser irregular). Contudo, nos anos 1960, a população de Honduras começou a se rebelar, exigindo terras. A solução do governo: reforma agrária. E como obviamente essas terras não seriam tiradas dos latifundiários e tampouco das empresas

estadunidenses<sup>13</sup>, sobrou para os imigrantes salvadorenhos. Assim, trezentos mil imigrantes deveriam abandonar suas casas, suas terras, suas vilas e retornar à El Salvador, onde não possuíam nada. Obviamente não ficaram nada satisfeitos com essa decisão do governo de Honduras. O governo de El Salvador negou-se a receber essa quantidade de pessoas; Honduras insistia; El Salvador se negava, e assim as relações entre os dois países foram ficando muito tensas. A troca de insultos só crescia, estimulada principalmente pelos jornais locais. Houve *pogroms*<sup>14</sup> e vilarejos foram destruídos.

Em meio à essa situação política, havia uma vaga na Copa do Mundo do México em disputa e vieram as eliminatórias. Em 8 de junho de 1969, os salvadorenhos que foram a Honduras para disputar a primeira partida não tiveram paz. Na noite anterior ao jogo, o hotel foi cercado por torcedores que fizeram um verdadeiro *terror psicológico*, com pedras atiradas nas janelas, batidas em tambores ou tonéis vazios, explosões de foguetes, buzinação, gritos, agressão aos salvadorenhos que foram ao estádio, etc. Todos artifícios foram utilizados pelos hondurenhos para deixar o ambiente mais hostil (e o jogo foi 1x0 para Honduras). A derrota de sua seleção foi um baque grande demais para a torcedora de El Salvador Amelia Bolainos, que tinha 18 anos à época. Após o gol de Roberto Cardona, ela pegou o revólver de seu pai que estava guardado na gaveta de uma escrivaninha e disparou contra seu coração. Segundo o jornal *El Nacional* (diário de San Salvador, capital de El Salvador) “A jovem não suportou ver seu país posto de joelhos” (KAPUSCINSKI, 2008 p. 194). O cortejo fúnebre da jovem foi acompanhado pelo presidente, seus ministros e os onze jogadores da seleção de El Salvador. Esses acontecimentos inflamaram a população para o segundo jogo.

Na semana seguinte, foi a vez de os torcedores salvadorenhos não deixarem o time de Honduras dormir, pois todas as janelas do hotel foram quebradas e, para dentro, foram jogados desde ovos podres a ratos mortos. Antes do início do jogo, a bandeira de Honduras foi queimada diante do público que acompanharia o certame e em seu lugar, na hora de executar o hino nacional, foi hasteado um pano esfarrapado. Com a situação chegando a esse ponto, era natural que o time de Honduras se preocupasse mais com sua própria vida do que com o jogo. Segundo o técnico de Honduras, “a nossa sorte foi termos perdido aquele jogo” (KAPUSCINSKI, 2008, p. 195). El Salvador ganhou por 3 a 0, e logo após o término do jogo, o time de Honduras foi levado, em carros do exército, para o aeroporto, enquanto os torcedores que fugiam até a fronteira eram agredidos a pauladas e pontapés. O saldo: dois

---

<sup>13</sup> A United Fruit possuía grandes quantidades de terra em Honduras, destinadas às plantações de banana.

<sup>14</sup> Pogrom é uma palavra derivada do russo погром, é um ataque violento maciço a pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos).

mortos, dezenas de feridos e 150 automóveis hondurenhos incendiados. Horas depois, a fronteira entre os dois países foi fechada e os dois governos cortaram relações. Durante a noite, um avião bombardeou a cidade de Tegucigalpa dando início à batalha fora das quatro linhas. Após isso, a cidade ficou às escuras, não porque a bomba tenha danificado a distribuição de energia, mas de propósito para que a cidade não pudesse ser localizada pelo ar e assim bombardeada mais vezes. Enquanto isso a cidade (que se localiza longe de onde era o *front* da batalha) se preparava para um possível cerco: a população cavava fossos e erguia barricadas, as mulheres guardavam provisões e a polícia prendia todos os salvadorenhos, levando-os para campos provisórios (em sua maioria instalados em... campos de futebol!)

Além da questão fundiária/imigratória já citada, havia outro anseio que justificava o conflito, conforme explica Ryszard Kapuscinski em seu livro *A Guerra do Futebol: El Salvador, banhado pelo Oceano Pacífico, desejava derrotar Honduras, banhada pelo Oceano Atlântico*. Dessa maneira, o pequeno El Salvador seria uma potência de dois oceanos. Esse é um fator importantíssimo e geoestratégico quando falamos de relações internacionais, comércio, exportações, etc.

Enquanto El Salvador atacava, Honduras (mais fraca) se defendia como podia. O jornalista polonês Ryszard Kapuscinski, que era correspondente em Honduras à época e se aventurou muito próximo dos campos de batalha, relata que “Rastejando pela floresta, perguntei ao soldado por que estavam lutando com El Salvador. Ele respondeu que não sabia, que aquilo era “assunto de governo”[...]” (KAPUSCINSKI, 2008, p.217).

Foram quatro dias de conflito até que a Organização dos Estados Americanos (OEA) conseguisse negociar uma trégua e sem dúvidas o futebol foi um dos responsáveis pelo conflito. O resultado foi: seis mil mortos, dezenas de milhares de feridos, cinquenta mil perderam suas casas e terras, muitos vilarejos destruídos, as fronteiras (motivo central da disputa) ficaram como estavam. Não podemos considerar o embate futebolístico como a causa do embate armado, da mesma maneira que não podemos considerar o assassinato da arquiduque Francisco Ferdinando como a causa da I Guerra Mundial. Mas, nos dois casos, os eventos citados foram o estopim de uma situação que não era mais suportável. A importância do embate futebolístico não pode ser ignorada, tanto que a guerra Honduras x El Salvador ficou conhecido como: *A Guerra do Futebol*. No campo, a batalha futebolística foi decidida em uma terceira partida, em território neutro. Vitória de El Salvador por 3 a 2, que carimbaria passagem para a Copa. Fora de campo, pior para a população dos dois países.

#### 1.4 – Malvinas/Falklands

As Ilhas Malvinas/Falklands, um arquipélago localizado a aproximadamente 500 quilômetros da costa argentina, foram palco de uma das mais rápidas e sangrentos conflitos do século passado. As ilhas foram ocupadas pelos britânicos no século XIX e assim permaneceram até a década de 1980, quando a ditadura argentina, comandada pelo general Galtieri, decidiu assumir o controle do território. A expansão territorial era muito pequena para justificar uma guerra, assim, o verdadeiro motivo era tentar recuperar a imagem do governo, que se encontrava desgastada, com uma grande pressão popular pelos problemas sociais e econômicos. Foi elaborado o Plano Rosário, determinando as estratégias militares a serem utilizadas. Galtieri acreditava que conseguiria o apoio dos Estados Unidos ou que a Inglaterra desistiria das ilhas sem lutar, mas nenhuma das duas hipóteses aconteceu.

Em março de 1982, navios mercantes argentinos, escoltados por embarcações militares começaram a circundar o arquipélago, o que gerou desconfiança dos navios britânicos que protegiam a área. Quando os britânicos pediram para que os argentinos se afastassem, o pretexto estava dado e a Argentina declarou guerra à Inglaterra, invadindo as ilhas em 2 de abril do mesmo ano. A primeira invasão argentina foi bem sucedida, e resultou no controle de Port Stanley, que teve seu nome mudado para Puerto Argentino.

Como o regime propagandeava a vitória na mídia e não aceitou se retirar pacificamente das ilhas, a primeira-ministra Margaret Thatcher ordenou a preparação dos britânicos para a guerra. Após uma pequena fase de equilíbrio entre as duas forças militares, os britânicos colocaram em ação a *Operação Sutton*, enviando um grande número de armas e fuzileiros para a guerra. Apesar de perderem duas embarcações, os britânicos conseguiram grandes vitórias em terra firme, quando não tiveram dificuldades para derrotar um exército numeroso, contudo muito mal preparado. Em Junho de 1982, os ingleses cercaram e reconquistaram Port Stanley e em 14 de junho reestabeleciam o domínio sobre as Ilhas Falkland.

Após o conflito, a crise inflacionária argentina que estava na casa dos 600% ao ano, e os movimentos populares derrubaram a ditadura. Galtieri foi deposto e no ano seguinte foram realizadas eleições que deram a vitória a Raúl Alfonsín. Na Inglaterra, a vitória fortaleceu Margareth Thatcher politicamente, contribuindo para sua reeleição como primeira-ministra.

A posição do governo brasileiro era de apoio aos argentinos, contudo como aviões britânicos fizeram uma escala para reabastecimento na base aérea de Canoas-RS, antes de bombardearem os argentinos, a população entendeu como um apoio aos britânicos e se

revoltou contra o Brasil, principalmente contra os gaúchos. Logicamente, essa revolta foi transferida para o campo futebolístico.

La Plata, Argentina, 8 de Julho de 1983, Libertadores da América. Dentro de campo se enfrentavam Grêmio e Estudiantes, pelo triangular semifinal. Fora do campo o continente vivia a tensão da Guerra das Malvinas. Apesar de a posição do governo brasileiro ser de apoio à Argentina, um pouso para reabastecimento de aviões bombardeiros ingleses na base aérea de Canoas-RS, conforme já dito não deixou a população argentina muito contente com os brasileiros, em especial os gaúchos. Na chegada da delegação gremista ao acanhado Estádio Jorge Luis Hirschi, várias pedras foram arremessadas contra o ônibus brasileiro. No gramado, a situação não era diferente. Cusparadas, violência e muita confusão antecederam a partida. O clima do jogo era tão pesado que o jogador Trobbiani (do Estudiantes) conseguiu a proeza de levar cartão amarelo antes de o jogo começar. O primeiro tempo terminou 1x1 no placar e 11x9 em campo (o Estudiantes teve 2 jogadores expulsos). O empate no final do primeiro tempo soou como ofensa aos fanáticos torcedores argentinos e, no túnel que levava os times (o mesmo túnel para os dois times) aos vestiários, o jogador Caio, do Grêmio, foi agredido covardemente e teve como resultado uma fratura na tíbia não podendo voltar para o segundo tempo. Com vantagem numérica, o time brasileiro tratou de se impor dentro de campo e marcou dois gols em 18 minutos. Contudo, ameaças (inclusive de morte) por parte dos jogadores e dos torcedores acuaram o Grêmio e o Estudiantes conseguiu o empate. Hugo de León, zagueiro e capitão do time brasileiro, disse que nesse jogo o maior medo dele não foi enfrentar a catimba argentina, não foi de perder o jogo, não foi de não se classificar para a final da Libertadores. O maior medo dele nesse jogo foi de morrer.<sup>15</sup>

### **1.5 – A Iugoslávia e as guerras étnicas**

A Iugoslávia nasceu em 1918, após a I Guerra Mundial, com o nome de Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. O nome Iugoslávia foi adotado em 1929 e o Estado deixou de existir em 1941, quando, na II Guerra Mundial, foi invadida pelos nazistas. Após a II Guerra, sob a liderança do Major Josip Broz Tito, que comandou a resistência à ocupação com seus guerreiros, conhecidos como *partizans*, foi recriada sob o nome de República Popular Federal da Iugoslávia, passando a se chamar República Socialista Federativa da Iugoslávia em 1963.

---

<sup>15</sup> Ainda falando de Guerra das Malvinas podemos citar a proibição pela rádio argentina Rivadavia aos narradores de Inglaterra x Alemanha, durante Copa de 1982, de pronunciar as palavras “britânico” e “Inglaterra”. O locutor Juan Carlos Morales e dois comentaristas usaram termos como “o time de vermelho”, “o adversário da Alemanha” e até “os piratas”.

A Iugoslávia era uma União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em pequena escala: 6 repúblicas diferentes (Eslovênia, Sérvia, Croácia, Macedônia, Montenegro e Bósnia-Herzegovina), 5 diferentes nacionalidades (eslovena, croata, sérvia, muçulmana e macedônia), 4 religiões (católica, ortodoxa, muçulmana e judaica), 3 línguas (esloveno, macedônio e servo-croata) e 2 alfabetos (cirílico e latino). Com o colapso da União Soviética, seus satélites foram caindo aos poucos, e alguns deles foram se dividindo, como a Tchecoslováquia que se dividiu em República Tcheca e Eslováquia e a Iugoslávia, que voltou às suas antigas divisões (com exceção de Sérvia e Montenegro), gerando conturbações e guerras terríveis, motivadas principalmente por fatores étnicos e religiosos.

As torcidas de futebol tiveram uma fundamental importância no renascimento do nacionalismo sérvio nos anos 1990. Em 1991 o Estrela Vermelha, da Sérvia, ganhou a Liga dos Campeões da Europa, o mais prestigiado torneio do continente. Nessa época:

A equipe era uma metáfora do esfacelamento da Iugoslávia. Apesar de sua história de veículo do nacionalismo sérvio, o Estrela Vermelha tinha jogadores de todo o país, até mesmo um vociferante separatista croata. Cada Estado da antiga Iugoslávia desenvolvera estereótipos étnicos amplamente aceitos, que os comentaristas esportivos transpunham para os jogadores. Os eslovenos eram soberbos defensores, correndo incansavelmente atrás dos atacantes adversários. Os croatas tinham um poder germânico para aproveitar as oportunidades de gol. Bósnios e sérvios mostravam criatividade em dribles e passes, mas ocasionalmente lhes faltava sagacidade tática. No Estrela Vermelha, um amálgama de diferentes iugoslavos reunia suas especialidades e venciam as superpotências da Europa Ocidental (FOER, 2005 p. 17).

Essa “união” dentro do Estrela Vermelha poderia ter salvado alguma coisa da Iugoslávia multiétnica, mas dentro da própria torcida do clube, foi criada uma organização paramilitar de *hooligans* que se tornaram a tropa de choque do presidente Slobodan Milosevic, sendo os principais agentes da limpeza étnica. Um dos cantos mais entoados pela torcida do Estrela Vermelha destacava: “Sérvia sim, Iugoslávia não”. Foer (2005) também destaca a utilização desses *hooligans* nos enfrentamentos dos Balcãs, pois, segundo ele, era raro ocorrer um embate exército x exército, então o governo Sérvio necessitava de uma força que pudesse aterrorizar os civis, fazendo com que muçulmanos e croatas fugissem de seus lares nos territórios que esperavam controlar.

As guerras étnicas da década de 1990 entre as repúblicas que antes formavam a Iugoslávia ainda se refletem no futebol. Quando Sérvia e Montenegro (ainda um país só)



derrotou a Bósnia numa decisão direta de vaga para a Copa de 2006 em Belgrado, a capital sérvia, as duas torcidas se enfrentaram arremessando cadeiras e disparando rojões. Pelo menos seis pessoas tiveram ferimentos sérios. As duas federações receberam multas entre 23 mil e 26 mil euros. Também vale lembrar que a divisão de Sérvia e Montenegro (um país só) em Sérvia e Montenegro (dois países), ocorreu durante a disputa da Copa do Mundo de 2006. Na próxima Copa do Mundo, a ser realizada em 2014 em terras brasileiras, teremos a participação (pela primeira vez na história das Copas) da seleção da Bósnia. A Federação Bósnia retorna de uma punição da FIFA, quando, tanto a seleção quanto os times nacionais, foram proibidos de disputar competições internacionais, pelo motivo político de possuir 3 presidentes (um bósnio muçulmano, um croata e um sérvio) Por enquanto, a simples classificação do selecionado bósnio para o torneio já é motivo de comemoração em um pequeno país (cerca de três milhões de habitantes), que ainda busca se reestruturar após uma guerra de independência que ainda deixou um resquício de tensão étnica na região (os *bosniaks* (muçulmanos) são a maioria da população, mas os sérvios estão presentes em um número considerável). Essa diferença étnica não foi perceptível dentro de campo, onde todos eram Bósnia. Quem sabe o futebol possa contribuir para que as antigas feridas sejam fechadas de uma vez por todas.

### **1.6 – Israel, geograficamente asiático, futebolisticamente europeu.**

Com o fim da II Guerra Mundial, as notícias das crueldades praticadas nos campos de concentração alemães vieram à tona: seis milhões de judeus exterminados e outros tantos sobreviventes, sem ter para onde ir. Com isso, as organizações de ajuda humanitária entraram em cena e começaram a enviar clandestinamente esses judeus para a Palestina. A Inglaterra não ficou muito satisfeita com isso e barrava a entrada dos judeus como podia, pois a Palestina era concessão britânica à época. Assim, os judeus eram um “povo sem terra”, e esse fato sensibilizou a opinião pública mundial e surgiu a proposta da criação de um Estado judeu, na Palestina. Em 1947 foi realizada a II Assembléia Geral da ONU, presidida inclusive por um brasileiro, o ex-governador do Rio Grande do Sul e chefe da delegação brasileira na ONU, Oswaldo Euclides de Souza Aranha, que votou o *Plano da ONU para a partição da Palestina*. Como resultado da Assembléia, foi definida a divisão da Palestina em *Estado Judeu* e *Estado Árabe*, conforme a resolução 181<sup>16</sup>. Em maio de 1948, sob a liderança de

---

<sup>16</sup> O povo israelense tem um carinho muito especial para com Oswaldo Aranha e existe uma placa dedicada a sua memória e ao povo brasileiro em uma praça de Jerusalém.

David Ben Gurion<sup>17</sup>, foi criado o Estado de Israel, mas o Estado Árabe ainda não existe e os palestinos lutam até hoje por isso, a chamada *Questão Palestina*.

Com a criação do Estado de Israel, a revolta do povo árabe foi imediata e, ainda em 1948, foi deflagrado o primeiro conflito árabe-israelense. Israel contou com apoio militar e financeiro de outras nações, venceu a guerra e dominou mais da metade dos territórios que estavam designados ao povo árabe pela ONU. Os Palestinos derrotados se viram obrigados a abandonarem suas terras e cerca de meio milhão deles se refugiaram em países vizinhos, onde não foram muito bem recebidos (com exceção da Jordânia, que permitiu a integração dos palestinos, mas com constante vigilância) e, em sua maioria, foram obrigados a viverem em campos de concentração, com a ajuda da ONU. Desde então o Oriente Médio tornou-se uma das regiões com maior número de conflitos do mundo, ocupando rotineiramente nossos jornais. Essa questão é muito séria e já é parte da vida da população desde muito cedo. É comum vermos crianças empunhando armas e odiando os judeus ou os árabes e, obviamente, o futebol não poderia ficar de fora.

Israel geograficamente pertence à Ásia, mas desde 1982, disputa as eliminatórias ou pela Europa, ou pela Oceania, onde não há hostilidade muçulmana ao estado judeu. Durante as eliminatórias para a Copa do Mundo de 1958 (quando ainda disputava eliminatórias pela Ásia), Indonésia, Egito e Sudão<sup>18</sup> se recusaram a entrar em campo para partidas contra Israel e quase a vaga caiu no colo dos israelenses, graças à inimizade dos vizinhos. Mas a FIFA determinou que era necessário fazer ao menos um jogo para legitimar a vaga e colocou o País de Gales como adversário, depois de a Bélgica também se recusar a enfrentar Israel. Deu Gales.

Como Israel é filiado à UEFA (Union of European Football Associations, ou União das Federações Europeias de Futebol), os clubes israelenses, conseqüentemente, disputam os torneios continentais na Europa e não na Ásia, evitando maiores conflitos, mas também impedindo uma maior integração regional, que por vias políticas parece estar longe de chegar a uma solução, mas que, por meio do futebol poderia (e ainda pode) se não ser solucionada, pelo menos ser minimizada. Segundo reportagem publicada pelo site *Inside World Football* em 4 de setembro de 2013, os presidentes das federações de futebol de Israel e Palestina se encontraram para discutir uma abertura das fronteiras entre os dois países, permitindo a livre

---

<sup>17</sup> David Ben Gurion foi um dos líderes do movimento do Sionismo Trabalhista durante os quinze anos anteriores à criação do Estado de Israel e se tornou o primeiro primeiro-ministro do recém criado Estado, ficando no poder de 1948 até 1952 e retornando para um segundo mandato entre 1955-1962.

<sup>18</sup> Sudão saiu como classificado da Confederação Africana e deveria enfrentar Israel na repescagem, valendo uma vaga direta.

circulação de jogadores de futebol que estivessem à caminho de uma partida. Essa foi a primeira vez que os dois presidentes se falaram pessoalmente pois, até mesmo quando estavam no Congresso da FIFA, o máximo que haviam feito foi trocar olhares.

### **1.7 – Estados Unidos, Irã e o Xá.**

Mas também existem casos na história em que a conjuntura aponta para um conflito em campo iminente e ele não ocorre. Lyon, França, 21 de Junho, Copa do Mundo de 1998. Irã x Estados Unidos. Os dois países inimigos entram no estádio em suspense. Será que o ódio nacional vai ser transportado para o campo? Quando os times entram em campo, surpresa geral no estádio: os onze jogadores que representam o Irã, país governado por islâmicos fundamentalistas, oferecem flores aos onze atletas dos Estados Unidos. Depois, confraternizam e posam para fotos, abraçados e intercalados.

Poucos jogos causaram tanta tensão como esse. E o motivo começou em 1979: uma revolução no Irã tirou do poder o xá Reza Pahlevi, monarca simpático a costumes ocidentais como o futebol, e deu o comando ao aiatolá Khomeini, que preferia luta livre. Sua pregação antiamericana transformou em reféns, por 14 meses, os funcionários da embaixada dos EUA. Do outro lado, na década de 1980, os EUA apoiaram o Iraque na guerra contra o Irã. Em 1998, o sorteio colocou as duas seleções no mesmo grupo. A rigor, os jogadores iranianos não tinham razão para odiar os adversários. Na verdade, os aiatolás eram mais danosos. Eles oprimiam o futebol numa repressão de conseqüências trágicas: em 1984, o regime executou Habib Khabiri, capitão da seleção na Copa de 1978, acusado de ligações com a oposição. Para irritar mais os religiosos, a classificação para a Copa provocou manifestações de alegria fora do controle do regime. Assim, quando o sorteio colocou os americanos no caminho, o governo iraniano tentou capitalizar sobre o confronto entre o “Grande Satã” e os eleitos de Alá. O jogo terminou 2x1 para o Irã.

Casos como este demonstram o papel político que pode ter o futebol, tamanho seu nível de abrangência e de aceitação para com a população. Alguns desses fatos tiveram pouca relevância para quem não estava envolvido (como A Guerra do Futebol e a Questão Africana) enquanto outros representaram um grande impacto nas relações internacionais, na história, na política e na conjuntura do mundo em que vivemos. Como já ficou destacado neste capítulo, poucos se utilizam melhor do futebol como ferramenta política do que Estados ditatoriais, e, na América do Sul dos anos 1960-1980, tivemos muitos ditadores assumindo o poder. Algumas dessas conjunturas serão analisadas no capítulo II.

Imagem 1 – Cartaz da Copa de 1934, com jogador realizando a saudação fascista<sup>19</sup>.



---

<sup>19</sup> Fonte: acervo pessoal

Imagem 2 – Jogadores ingleses fazem a saudação nazista antes de amistoso contra a Inglaterra, em 1938<sup>20</sup>



---

<sup>20</sup> Fonte: <http://globoesporte.globo.com/platb/memoriaec/2008/12/27/documentario-revela-ligacao-entre-ditadores-e-o-futebol/> - acesso em 13/08/2013.

## CAPÍTULO II – As ditaduras: Futebol nos tempos do Condor

Neste capítulo serão analisadas as relações entre ditadura e futebol na Argentina, no Uruguai, no Chile e no Brasil.

No caso da Argentina, será analisado principalmente o governo de Videla, que transformou a Copa do Mundo de 1978 em um instrumento de promoção de seu regime, não medindo esforços para que a Argentina conquistasse o título jogando em casa, incluindo a suspeita vitória de 6x0 sobre o Peru na última rodada do quadrangular semifinal.

No caso do Chile, além de outros, será analisada a curiosa vitória de 1x0 sobre ... “ninguém” nas eliminatórias para a Copa de 1974. O jogo deveria ser disputado contra a União Soviética, mas o time adversário se recusou, pois apoiava o governo de Salvador Allende, derrubado do poder e morto pelas tropas de Augusto Pinochet. Também há o caso de um jogador que tinha o sobrenome, por ironia do destino, de Pinochet e era usado como bode expiatório, pois bastava um passe errado para a torcida começar a gritar: “Fora Pinochet !!!”, é claro se referindo ao ditador, mas dando a entender que era ao jogador.

No caso uruguaio, entre outros, será analisada a resistência do Defensor, clube pequeno e contra o regime, que derrotou os grandes e prós ao regime Peñarol e Nacional, e comemorando o título deu a volta olímpica ao contrário, um gesto simples, mas que demonstrou uma atitude subversiva ao regime.

No caso brasileiro será analisada principalmente a utilização do sucesso da seleção canarinho na Copa do Mundo de 1970 pelo ditador Emílio Garrastazu Médici.

### 2.1 - Argentina

Não somos campeões da ditadura. Eu me sinto do mundo, joguei pela Argentina, não joguei pelos milicos. Se eu soubesse o que acontecia no país, não teria jogado na Copa, teria me retirado.  
(René Houseman: campeão do Mundo em 1978)

Argentina, 1978, Copa do Mundo. Pelo regulamento, a segunda fase do torneio previa um quadrangular final, com os campeões de cada grupo se enfrentando na Final. No grupo A estavam Alemanha Ocidental, Holanda, Áustria e Itália, no grupo B, além da anfitriã, estavam Brasil, Peru e Polônia. Brasil e Argentina empataram em 0x0 seu embate e, após o Brasil vencer o Peru por 3x0, a Argentina vencer a Polônia por 2x0 e a Polônia vencer o Peru por 1x0, Brasil, Argentina e Polônia chegaram à última rodada com chances de classificação. A

Argentina enfrentaria o Peru e mais tarde ocorreria o confronto entre Brasil e Polônia. Utilizando toda sua influência, o ditador argentino Jorge Videla conseguiu que o Brasil jogasse primeiro. Resultado: Brasil 3x1 Polônia. Com isso a Argentina sabia que precisava de pelo menos quatro gols de saldo contra o Peru para ir à final. Contando com uma colaboração no mínimo suspeita dos peruanos, que pouco se esforçaram dentro de campo, os argentinos venceram por 6x0 (detalhe: em 5 jogos disputados até então na Copa, o Peru havia levado apenas 6 gols), eliminaram os brasileiros e acabaram campeões ao derrotar a Holanda na final. Detalhe curioso I: O goleiro peruano naquele jogo, Ramón Quiroga Arancibia, é argentino, naturalizado peruano. Detalhe curioso II: Duas semanas após o jogo o Peru recebeu uma generosa doação de trigo: “35.000 toneladas de grãos, além de 50 milhões de dólares em linha de crédito” (AGOSTINO, p. 183) oriunda da Argentina. Doação essa que já havia sido ordenada há alguns anos, mas ainda não havia sido cumprida. Coincidência?

A ditadura na Argentina teve início em 24 de março de 1976, quando assumiu o poder a junta de comandantes gerais, formada pelo Tenente-General Jorge Rafael Videla (comandante em chefe do Exército); Almirante Emilio Eduardo Massera (comandante em chefe da Marinha) e pelo Brigadeiro Orlando Ramón Agosti (comandante em chefe da Aeronáutica). Conforme relatado no documentário: *Memórias do chumbo: o futebol nos tempos do Condor*, quase todos os comunicados divulgados pela junta já no dia 24 de março começavam com “Proíbe-se...” como por exemplo:

Comunicado 1 – Proíbe-se a reunião nas ruas

Comunicado 2 – Proíbe-se fazer greve

Comunicado 3 – Proíbe-se legislar

Contudo, o comunicado 23 começava diferente, nele constava a palavra *autoriza-se*. Autorizava-se as transmissões do jogo de futebol entre as seleções da Argentina e da Polônia, a ser realizada no mesmo dia. Isto deixou bem claro que a ditadura argentina sabia qual a importância do futebol.

A ditadura argentina deixou como legado milhares de mortos; 500 centros de detenção e tortura; mais de 8.000 desaparecidos<sup>21</sup> (muitos familiares ainda esperam pelo menos alguma informação até hoje); 30.000 mortos<sup>22</sup> crianças entregues aos assassinos de seus pais biológicos, mas também trouxe consigo a realização da Copa do Mundo de 1978. Banhada em sangue e envolvida em escândalos, a Copa do Mundo de 1978 era a grande chance para a ditadura argentina reverter sua imagem, tanto no cenário local como no internacional. Com o

---

<sup>21</sup> Fonte: SCHILLING, p. 1

<sup>22</sup> Fonte: SCHILLING, p.1.

plano de repressão instalado e uma ditadura assassina e que encarcerava, os militares argentinos precisavam contrapor as denúncias que, em uma questão de tempo, ganhariam as páginas internacionais e a Copa do Mundo era a maior chance. O Mundial teve um custo de 700 milhões de dólares e seus bastidores foram marcados por disputas por poder e dinheiro, corrupção e assassinato.

O Almirante Massera queria ficar encarregado da realização da Copa, contudo historicamente, o Exército é a principal arma na Argentina. Assim foi designado o General Actis como ente autárquico (se encarregava de toda a organização) da Copa. Nessa disputa Exército-Marinha antes de Actis se apresentar à imprensa internacional acabou assassinado e fortes suspeitas caíram sob Massera (mesmo entre os militares). Actis foi substituído pelo General Merlo<sup>23</sup>, que não tinha a mesma força de Actis e o homem forte da Copa passa a ser o almirante Lacoste<sup>24</sup> (braço direito de Massera e homem de muita confiança de João Havelange, que o designou vice-presidente da FIFA - ficando no cargo mesmo após o fim da ditadura). Houve uma forte pressão à AFA<sup>25</sup> (principalmente dos jornalistas) para que Lacoste fosse retirado da FIFA e da Confederação Sul Americana de Futebol. Havelange pressionou Grondona (então presidente da AFA e ocupando o cargo até os dias de hoje) dizendo que, se tirassem Lacoste, teriam problemas, permanecendo ele assim em seu cargo. Posteriormente, Lacoste teve que justificar à justiça argentina o aumento de seu patrimônio, pois enriqueceu durante a ditadura e uma de suas testemunhas foi justamente João Havelange, que disse que lhe emprestara dinheiro para comprar uma casa em Punta del Este, no Uruguai. Em 1979, Lacoste foi designado presidente da AFA, cargo que ocupa até os dias atuais.

Externamente, a pressão contra a realização de uma Copa em meio a centros de detenção, torturas e assassinatos, crescia e a ameaça de mudança de sede diante das denúncias internacionais tornava-se cada vez mais real e as notícias de que as seleções europeias preparavam um boicote só aumentavam (Imagem 3). Contudo, somente o holandês Johan Cruyff levou o boicote adiante e não compareceu à Copa. Conforme relatado no documentário *Memórias do chumbo: o futebol nos tempos do Condor*, uma troca entre Havelange e a ditadura botou ponto final nos rumores e garantiu a copa de 78 na Argentina. Sempre existiram rumores sobre o aval final de Havelange, rumores que foram confirmados 34 anos

---

<sup>23</sup> Enrique Haroldo Gorriarán Merlo (1941-2006) foi um guerrilheiro argentino, fundador do Partido Revolucionário de los Trabajadores (PRT) e de seu braço armado, o Exército Revolucionário do Povo (ERP)

<sup>24</sup> Carlos Alberto Lacoste (1929-2004) foi um militar argentino, que após a morte misteriosa do General Omar Actis, se tornou o Ente Autárquico Mundial `78 (E.A.M `78), participando de toda a organização da Copa do Mundo de 1978.

<sup>25</sup> Asociación del Fútbol Argentino. É a entidade máxima do futebol na Argentina.



depois. A troca: liberação do preso político Paulo Henrique Paranaguá e sua companheira em troca da realização da Copa.

Durante os 25 dias de Copa, 65 pessoas foram assassinadas ou desapareceram e outras tantas eram torturadas, muitas delas na Escola de Mecânica da Armada (ESMA), o maior campo de concentração do continente, localizado no coração de Buenos Aires, a 700 metros do Estádio Monumental de Nuñez. Enquanto homens e mulheres eram torturados, assassinados ou retirados para os vãos da morte, ouvia-se o barulho da torcida e a comemoração dos gols.

Videla não entrou em campo, Massera não acertou um passe, Agosti não bateu um pênalti, mas o maior gol da Copa do Mundo de 1978 foi marcado pela ditadura argentina. No caso da ditadura argentina, fica muito claro que o futebol foi utilizado como uma forma de distrair a população, de manter os habitantes alienados ao que ocorria nas prisões e nos centros de detenção. A Copa do Mundo de 1978 foi uma tentativa fracassada de mostrar que a ditadura estava trazendo coisas boas para o país, pois, passada a euforia do título mundial, a população abriu os olhos para o que realmente estava ocorrendo com seus compatriotas. Com a economia se mostrando um fracasso e a derrota na Guerra das Malvinas/Falkland, os militares não conseguiram se manter no poder e a ditadura acabou em dezembro de 1983, deixando um legado de mortes. O fim da ditadura livrou os argentinos do regime sangrento, mas mergulhou o país em uma hiperinflação e, posteriormente, em uma onda brutal de privatizações. O único feito que a ditadura argentina pode se orgulhar foi a conquista da Copa do Mundo de 1978, mas não muito, já que pairam diversas desconfianças sobre a legitimidade desse título.

Imagem 3 – Publicidade francesa contra a Copa do Mundo de 1978<sup>26</sup>



## 2.2 – Brasil

A ditadura no Brasil começa em 1º/04/1964, com um golpe que se deu pela percepção da elite política brasileira de que os avanços populares poderiam ser grandes demais e contou com ajuda da Casa Branca

Os novos donatários do poder entendem que a maior paixão do brasileiro deve estar sob o estrito controle do Estado e, com imenso potencial de propaganda, o futebol é mais do que nunca trazido para perto do governo. Na 1ª Copa do Mundo do regime militar a seleção brasileira se transforma num circo. Para a Copa do Mundo de 1966 os militares tinham um desafio: preparar a equipe e utilizar a seleção como propaganda (interna) do regime. Para isso, durante a preparação, foram convocadas quatro seleções brasileiras (verde, azul, branca, amarela), cada uma com um itinerário pré-definido entre o governo e a CBD<sup>27</sup>, percorrendo uma série de cidades que eram consideradas estratégicas, tanto capitais como cidades do

<sup>26</sup> Fonte: <http://impedimento.org/o-asterisco-sombrio-do-mundial-de-78/> - acesso em 20/02/2013

<sup>27</sup> Confederação Brasileira de Desportos. Foi a entidade responsável pela organização de todo esporte no Brasil. Antes de cada esporte ter sua própria confederação, todos tinham como referência a CBD. Foi extinta em 1979.

interior (principalmente RJ, SP e MG). O fiasco na Copa foi a óbvia consequência de uma preparação desastrosa.

Com a instauração do AI5<sup>28</sup> vieram também os piores tempos da ditadura. Nada mais escapava ao controle do estado de segurança. Os clubes de futebol passaram a submeter ao governo o nome de qualquer postulante ao cargo de dirigente. Os clubes estavam sob absoluto controle. Os presidentes das federações estaduais eram todos “amigos do regime”.

João Saldanha, então técnico da seleção, aproveitava suas viagens ao exterior para levar documentos que denunciavam a tortura e, por isso, havia uma pressão constante do regime sobre a CBD para retirar Saldanha do cargo, o que acabou sendo feito durante a preparação para a Copa do Mundo de 1970. Otto Glória deveria ser o novo técnico, mas não foi encontrado no América-RJ e Zagallo que treinava o Botafogo, na Escola de Educação Física do Exército assumiu o cargo. A comissão técnica que já tinha militares ganhou mais reforços quando os militares impõem o Brigadeiro Jerônimo Bastos na chefia da delegação que levou para a chefia da segurança um agente da repressão (para controlar qualquer tipo de desvio e ser o mensageiro da ditadura), cujo nome consta nos dias de hoje nas listas dos envolvidos com tortura, o Major Roberto Câmara Lima Ypiranga dos Guarany's, homem chave do plano que ficou conhecido como caso Para-Sar<sup>29</sup>. O Caso Para-Sar, também conhecido como *Atentado ao Gasômetro*<sup>30</sup>, foi um plano terrorista de extrema-direita arquitetado em 1968 pelo brigadeiro João Paulo Burnier para desacreditar e reprimir os opositoristas do regime militar. A intenção era utilizar o esquadrão Para-Sar na detonação de explosivos em diversas vias públicas do Rio de Janeiro, com potencial para provocar milhares de mortes, que seriam atribuídas aos movimentos esquerdistas. Posteriormente, o clima de caos proporcionado pelas tragédias seria utilizado para encobrir o sequestro e posterior assassinato de quarenta figurões da política brasileira, entre eles Carlos Lacerda e os ex-presidentes Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek. O plano falhou graças à denúncia do oficial do Para-Sar Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho, que se recusou a cumprir as ordens e levou o caso aos seus superiores.

Durante a Copa do Mundo de 1970, os jornalistas que cobriram a seleção no México tinham o credenciamento da Copa e o credenciamento da seleção brasileira. Para cobrir a seleção precisava-se da autorização dos militares. João Saldanha foi à Copa contratado pela

---

<sup>28</sup> O Ato Institucional nº5, instituído em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, definiu o momento mais duro do regime militar, dando poder aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime, ou assim considerados. Vigorou até dezembro de 1978.

<sup>29</sup> Para-Sar (Para de paraquedistas e Sar de Search And Rescue (busca e salvamento) é um esquadrão paraquedista de Operações Especiais e Busca e Resgate da Força Aérea Brasileira, baseado na Base Aérea de Campo Grande (MS).

<sup>30</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso\\_Para-Sar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Para-Sar) - acesso em 11/01/2014.

BBC, mas foi impedido de cobrir a seleção. Em campo a seleção era a antítese daqueles tempos obscuros, jogando um futebol de sonhos arrebatava o mundo com sua arte e anestesiava os 90 milhões em ação. O título era tudo o que o mais violento governo brasileiro de todos os tempos precisava e teve uma repercussão inimaginável, multiplicando o sucesso que os jogadores conquistaram em campo, já que essa foi a primeira Copa que o Brasil acompanhou pela televisão. Brasil tricampeão, a resistência destruída, o milagre econômico em curso, mas enquanto em campo Pelé e companhia ganhavam a Copa, nas masmorras e no subterrâneo a tortura e as agressões só aumentavam.

Nesse contexto, o presidente Médici se apropriou das vitórias da seleção para fazer campanha pró-regime, utilizando-se do conceito de que “uma equipe vencedora é reflexo de uma nação vencedora.” (RAMOS, 2011, p. 35)

Enquanto reprimia, prendia e torturava militantes, o governo do General Garrastazu Médici estimulou o crescimento econômico por meio de empréstimos eternos, industrialização e realização de grandes obras e rodovias (como a Transamazônica) [...] a televisão e o governo propagandeavam o “milagre brasileiro”. E a vitória na Copa do Mundo de 1970, ajudou a impulsionar a propaganda oficial.

DA SILVA, 2010, p.25 apud FURTADO, 2010, p.2

A experiência de militares dentro da seleção de 1970 se espalha para os clubes e até a formulação dos contratos sofre intervenção. O futebol passa a ser mais controlado ainda. Equipes de imprensa que viajavam para a cobertura de uma competição estavam sob vigilância. Até João Havelange (então presidente da FIFA) estava sob controle (a princípio por corrupção e pelo fato de conseguir empréstimos sob condições de juros e pagamentos muito favoráveis). Quando Havelange ia se defender das acusações, não levava um advogado consigo, levava um general amigo seu, o que deixava seus algozes um tanto preocupados.

O Brasil foi exportador de repressão para os países vizinhos. A criação de um banco de dados comum e a conexão de informações sobre opositores transformaram-se em obsessão das ditaduras do continente, auxiliados pelos EUA e países europeus. Essa cooperação no armazenamento, obtenção e compartilhamento de dados é chamada de *Operação Condor*, com banco de dados, central de informações, sistema de coordenação e alfabeto criptográfico comum para troca de mensagens, além de fornecimento de *know how* e tecnologia para matar.

A ditadura brasileira se aproveitou muito bem do sucesso da seleção bicampeã mundial para desenvolver sua política, atrelada à viagens dos jogadores ao interior do país. Com o

tricampeonato em 1970 e a economia crescendo a níveis nunca antes vistos na história do país, os militares tinham motivos de sobra para demonstrar quão bem sucedido era o regime, e aproveitavam esses fatos para esconder as mortes e os desaparecimentos. Durante o período de redemocratização do Brasil, conhecido como *Diretas já* tivemos grande participação de jogadores de futebol e esportistas de outras áreas, demonstrando que o futebol, mesmo sendo um instrumento dos militares, não estava de acordo com o regime que assolava o Brasil.

### 2.3 – Chile

O golpe no Chile foi uma coordenação brasileira e estadunidense. O então Presidente Médici relatou aos Estados Unidos sua confiança na capacidade dos militares chilenos em promover um golpe no país e que o Brasil estava trabalhando conjuntamente para isso. O Embaixador do Brasil no Chile (Câmara Canto) foi parte do golpe, já que os militares que estavam planejando o golpe reuniam-se na embaixada do Brasil em Santiago. Câmara Canto foi o primeiro embaixador a chegar, no momento em que a junta militar (formada por Exército, Marinha, Força Aérea e Polícia Nacional) se constituiu na Escola Militar em Santiago.

O golpe ocorreu em 11 de setembro de 1973 e foi liderado por Augusto Pinochet<sup>31</sup> em um ato que resultou na morte do então presidente Salvador Allende. Logo após a tomada do poder pelos militares o Estádio Nacional de Santiago foi transformado em prisão. O antigo palco de jogos memoráveis e do bicampeonato do Brasil virou palco de uma das maiores barbáries dos nossos tempos, virou uma ferida na alma dos chilenos. Dentro do estádio muitas pessoas foram mortas e outras tantas foram torturadas, muito disso com presença e ajuda brasileira.

Pouco a pouco a ditadura começou a se dar conta de que o futebol podia ser útil para acalmar as massas, para que as pessoas não fossem às ruas nem se rebelassem. Pouco tempo após o golpe, Chile e União Soviética fariam dois jogos de “mata-mata” valendo vaga para a Copa do Mundo de 74 (primeiro na União Soviética e depois no Chile). O jogo de ida terminou em 0x0 e os jogadores foram recebidos praticamente como heróis (mais como um ato de propaganda do sistema político do que por seu desempenho ou pelo resultado). O jogo de volta estava marcado para o Estádio Nacional de Santiago, mas a União Soviética se recusou a jogar em um palco de torturas, mortes e desaparecimentos, pois era apoiadora do governo de Allende. Como a FIFA não mudou o local e determinou que o jogo deveria ser

---

<sup>31</sup> Augusto José Ramón Pinochet Ugarte (1915-2006) foi um general do exército chileno, presidente do Chile entre 1973 e 1990, governando o país com poderes de ditador.

realizado no estádio previamente definido, a seleção da União Soviética não veio para o jogo. A FIFA determinou que não bastava a União Soviética não se apresentar, os 11 jogadores chilenos ainda deviam se apresentar, com o árbitro disposto a apitar a partida, dar o apito inicial e os jogadores fazerem o gol. Assim foi feito. Reinoso deu a saída para Chamaco Valdés, que passou para Caszely que passou para Crisosto e a tabela continuou até a área, onde Valdés chutou de bico fazendo o gol da classificação do Chile para a Copa do Mundo de 1974. Chile 1x0... ninguém, no “jogo mais ridículo da história”, como afirma Carlos Caszely, ex-jogador da seleção. 11 contra ninguém para um estádio maquiado. Muitos prisioneiros foram retirados mas acredita-se que outros tantos ainda estivessem lá enquanto a bola rolava. Chile classificado, mas sem muito a festejar nessas condições.

Para disfarçar um pouco o fiasco que foi o “jogo” contra a União Soviética, a ditadura convidou o Santos para um amistoso, a ser realizado logo após a encenação. A rapidez na confirmação do Santos como adversário para amenizar o ridículo tem uma óbvia razão: mais uma colaboração entre as ditaduras do continente. Os jogadores chilenos só foram informados que a União Soviética não viria para o jogo em um sábado a meia-noite, mas logicamente não ligaram para o Santos num sábado a meia-noite, o que indica que os militares já sabiam anteriormente do fato e já haviam se comunicado com o time brasileiro.

O futebol foi manipulado de tal maneira que por todo o Chile começaram a criar clubes profissionais em lugares muito distantes, muito remotos, porque era preciso deixar o povo preocupado e distraído, mesmo em lugares onde nunca houve futebol. Era preciso criar circos para o povo e os jogadores eram os palhaços, que faziam o povo rir, apesar de ser um sorriso muito doloroso. As garras do condor espalhavam-se por estádios, clubes, jogadores. Conforme relatado no documentário *Memórias do chumbo: o futebol nos tempos do Condor*, havia pessoas infiltradas na delegação da seleção para ver o que os jogadores faziam, sobretudo os que eram reconhecidamente de esquerda.

Asfixiados por uma ditadura brutal, o povo e os personagens da bola começam a encontrar no futebol um canal único para as primeiras manifestações de resistência. Havia um jogador chamado Pinochet na liga profissional chilena, era um bom jogador, mas uma vez estava jogando muito mal e todo o estádio (aproximadamente 30 mil pessoas) começou a gritar: Fora Pinochet! (se referindo ao jogador) mas o grito logo se transformou em Fora Pinochet...e os outros três também! (se referindo à junta).

Antes de partirem rumo à Copa do Mundo de 1974 os jogadores foram levados ao Palácio de la Moneda, num ato de propaganda do partido, para saudar Pinochet. Carlos

Caszely se recusou a dar a mão ao general. Sua mãe foi torturada. As famílias de outros jogadores também sofreram por serem contra o regime. Foi um Mundial muito traumático, pois mesmo participando de uma grande festa, as condições eram deploráveis, psicologicamente não era o mais adequado. A seleção chilena não foi muito longe no torneio, mais pela incapacidade psicológica do que pela qualidade técnica.

Após cinco anos jogando fora, Carlos Caszely retorna e em um Estádio Nacional praticamente lotado, com apenas um espaço vazio, faz um gol e sai gritando para esse espaço vazio. Desse ato saiu uma poesia. Em sua entrevista para o documentário da ESPN, *Memórias do chumbo: o futebol nos tempos do Condor*, Caszely não divulga o autor, mas o texto sim: “Só ele e eu entendemos. Caszely gritou para os que caíram e deram sua vida no estádio Nacional”. A frase é forte, e causa um impacto maior ainda em quem viveu o período de terror.

Em 1988 foi realizado um plebiscito para decidir se Pinochet seguiria ou não no poder até março de 1997. O “não” venceu e as portas para o retorno à democracia estavam abertas, o que acabou consolidando-se dois anos depois. Um dos primeiros atos após o retorno à democracia foi realizar uma “limpeza espiritual” no Estádio Nacional.

Ainda nos dias de hoje, a ditadura deixa marcas profundas na política chilena, em seus dois principais blocos políticos: a *Alianza* e a *Nova Maioria*. Em 2013 foram “comemorados” os 40 anos do Golpe Militar e os 25 anos do plebiscito do “não” e também foi ano de eleições presidenciais. As eleições opuseram Evelyn Matthei - filha de Fernando Matthei, ex-general da Força Aérea Chilena e ex-diretor da Academia de Guerra Aérea, centro de tortura do governo Pinochet - e Michelle Bachelet (que saiu vencedora) – filha de Alberto Bachelet, opositor da ditadura que sofreu torturas na Academia de Guerra Aérea e morreu em função da tortura. Assim, as eleições foram uma forma de o Chile refletir sobre seu passado e pensar no que deseja para seu futuro

## **2.4 – Uruguai**

O golpe no Uruguai foi instalado em 27/06/1973 e mais uma vez o regime militar brasileiro foi cúmplice. O Uruguai pode ser considerado o campeão sul-americano da tortura, já que teve a maior proporção de torturados por habitantes da América do Sul.

O futebol era um lugar de paixão, ainda mais quando a política, a outra paixão uruguaia era proibida, era algo restrito. Então os militares estiveram muito ligados ao futebol, inclusive houve militares dirigindo a seleção uruguaia de futebol e militares em lugares-chave do

futebol do interior. E às vezes chegaram a intervir no futebol (vetavam pessoas de esquerda nas eleições de clubes de bairros, intervinham nas eleições de clubes da primeira divisão e conseguiam evitar qualquer possibilidade de estarem nessa posição, ainda que a pessoa tenha tido apenas um pequeno papel na esquerda). Os jogadores eram perseguidos e penalizados pela ditadura em diversos momentos.

Em 1976 a ditadura argentina começa e inicia-se uma caçada aos uruguaios que estavam exilados nesse país. Torturadores uruguaios viajaram à Argentina e em Buenos Aires estabeleceram um centro de tortura, de onde muitos uruguaios saíram para os vôos da madrugada. Entre 1975 e 1979 a prática de terrorismo de Estado foi levada aos níveis mais profundos no Uruguai. Em 1976 foi inaugurado o profissionalismo no Uruguai e o campeonato uruguaio, que sempre era vencido por Peñarol e Nacional, conheceu um novo campeão: o Defensor, com técnico (impedido de assumir a seleção) e muitos jogadores de esquerda. O Defensor foi um pequeno que desafiou os grandes e os jogos no acanhado estádio Punta Carreta se transformam em atos de resistência. Muitas pessoas viam as partidas do Defensor como um espaço de rebeldia. Quando sagrou-se campeão, o Defensor deu a volta olímpica ao contrário, um gesto simples, mas que demonstrou uma atitude subversiva ao regime, um símbolo de que se podia mudar a história, e também, para muitos, uma expressão de liberdade.

Em 1980 foi realizado um plebiscito para reformar a constituição e legitimar ou não o governo nascido do golpe e um mês depois um Mundialito de futebol para ostentar a vitória e o poder. O Não ganhou com uma diferença de 183.540 votos. Dessa forma era preciso capitalizar as vitórias no Mundialito e todas as promessas possíveis foram feitas aos jogadores. Tudo o que os jogadores pediam lhes era dado. Durante a competição foi quando pela primeira vez o povo uruguaio conseguiu reunir coragem para gritar, como gritou na partida final: “Se vá a acabar, se vá a acabar la dictadura militar” e o Mundialito acabou tornando-se um grande êxito popular, mas um fracasso absoluto para o regime. Primeiro pelo *NÃO* depois porque a competição, que havia sido criada para mostrar ao mundo os êxitos do regime, terminou sendo uma instância de confrontação.

Na partida final o Uruguai venceu o Brasil por 2x1 e cada jogador ganhou um carro. Os automóveis da premiação foram obra de um acordo das ditaduras. Eram carros bons para a época, VW Passats último modelo, que nessa época custavam 18 mil dólares no Uruguai, conforme relata o ex-jogador da seleção Fernando Álvez, e, na fábrica do Brasil, custavam 3,5 mil dólares. A importação foi livre de impostos e não poderiam vender o carro por cinco anos.



Hugo De Leon tirou sua camisa celeste e mostrou a camisa do Grêmio, que estava por baixo e por isso ficou sem seu prêmio, pois os comandantes-em-chefe se irritaram com o fato de ele ter tirado a camisa do Uruguai. De Leon havia sido vendido alguns dias antes para o Grêmio e acabou decidindo-se que todos os jogadores que jogavam no exterior não ganhariam carro.

Podemos dizer, considerando seu pequeno território, sua pequena população e sua grande quantidade de torturados, que o Uruguai foi o país sul-americano que mais sofreu durante a ditadura. O futebol nesse país foi um foco maior de resistência do que nos outros citados e foi uma forma maior de confrontação aos militares. Os militares, querendo esconder suas práticas sangrentas, levaram o futebol para regiões remotas do país, o que acabou por ser bom para essas áreas, pois quando acabou a ditadura, esses times tiveram a oportunidade de participar do campeonato nacional. O futebol também foi uma forma de os jogadores da seleção se aproveitarem dos militares, pois como o regime não estava agradando, tudo que os jogadores pediam, os militares lhes davam, acreditando que se a seleção obtivesse sucesso, o regime conseguiria uma maior aceitação junto à população, o que acabou por não se confirmar.

### CAPÍTULO III – A FIFA, SUA AUTORIDADE E A COPA DO MUNDO DE 2014

A FIFA é, juridicamente, uma associação de direito privado, sem fins lucrativos. Como sua sede é na Suíça, seu funcionamento se ocorre conforme as leis desse país. O Estatuto da entidade se enquadra no artigo 60 do código civil desse país, que diz:

1. Les associations politiques, religieuses, scientifiques, artistiques, de bienfaisance, de récréation ou autres qui n'ont pas un but économique acquièrent la personnalité dès qu'elles expriment dans leurs statuts la volonté d'être organisées corporativement.
2. Les statuts sont rédigés par écrit et contiennent les dispositions nécessaires sur le but, les ressources et l'organisation de l'association.

Fundada em 1904 por França, Suécia, Bélgica, Dinamarca, Suíça, Espanha e Holanda, a FIFA conta hoje com 209 membros. É uma Organização Internacional que dirige as associações de futsal, futebol de areia ou futebol de praia e futebol associado, o esporte coletivo mais popular do mundo. A FIFA congrega um ente em cada país (no caso brasileiro é a CBF) e as entidades continentais (UEFA, CONMEBOL, etc.), tendo assim o poder de submetê-las às suas regras. A CBF, portanto, deve obedecer as normas da FIFA, sob a pena de desfiliação. A FIFA (mesmo sendo uma entidade sem fins lucrativos juridicamente) apresenta lucros astronômicos ano após ano (principalmente em anos de Copa do Mundo e anos imediatamente posteriores ao evento – gráficos 1 e 2).

A Inglaterra aderiu à FIFA em 1905 depois da promessa de que presidiria a entidade e Daniel Woolfall se tornou presidente em 1906, ficando no cargo até 1918. Em 1920 a Inglaterra retirou-se da FIFA, como motivo de protesto por a entidade não promover sanções à Alemanha pelo advento da Primeira Guerra Mundial e abriu-se caminho para o francês Jules Rimet, o primeiro dos grandes presidentes da FIFA<sup>32</sup>. Rimet era contra a criação de entidades regionais, pois segundo ele, isso contribuía para a desorganização da FIFA. O pensamento de Rimet favorecia os europeus e o mesmo ocorreu com seus sucessores Rodolfe Seeldrayers (belga, presidente entre 1954 e 1955) e Arthur Drewry (inglês, presidente entre 1956 e 1961). Após Drewry, assume Stanley Rous, responsável pela reentrada da Inglaterra à entidade em 1946, e presidente entre 1961 e 1973. Em 1974, assume a presidência o brasileiro João

---

<sup>32</sup> Jules Rimet viria a emprestar seu nome à taça de campeão do mundo, adquirida em definitivo pelo primeiro tricampeão mundial, no caso o Brasil em 1970. Depois disso, o nome da taça foi mudado para Taça do Mundo FIFA, ou simplesmente Taça FIFA.

Havelange, ficando no cargo até 1998, e sendo Presidente de Honra entre 1998 e 2013. Após isso, assume o suíço Joseph Blater, presidente até os dias de hoje.

Gráfico 1 – Receitas e Lucro Líquido - FIFA<sup>33</sup>

**Evolução - Receitas e Lucro Líquido – FIFA**  
Em US\$ milhões

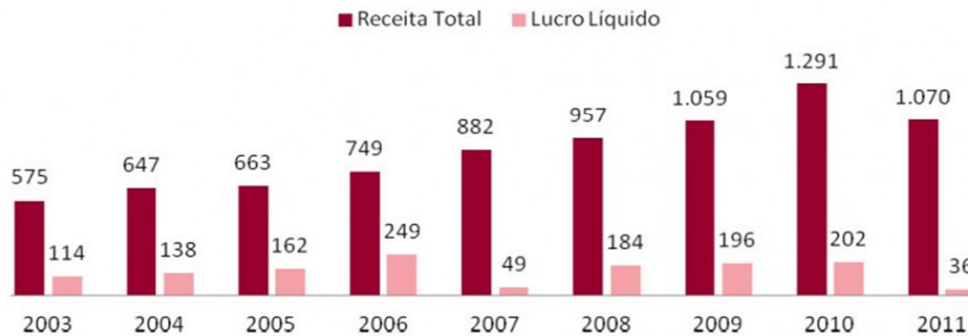
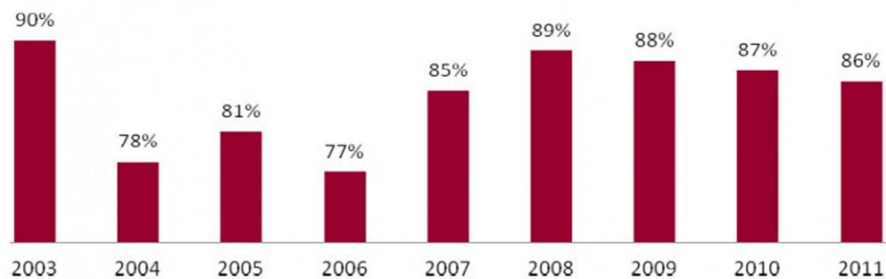


Gráfico 2 – Participação da Copa do Mundo sobre a Receita Total<sup>34</sup>

**Participação dos Recursos com a Copa do Mundo sobre a Receita Total da FIFA**



Até o começo dos anos 90, a principal fonte de renda dos clubes vinha das bilheteria. Contudo, as emissoras de TV privadas perceberam nos clubes de futebol uma excelente maneira de fazer dinheiro, e os clubes perceberam que a recíproca era verdadeira. A FIFA não ficou para trás e, a cada Copa do Mundo que passa, aumenta astronomicamente seus lucros com receitas de direitos de TV (gráfico 3). Em menos de 30 anos, a receita aumentou mais de 100 vezes (entre as Copas de 1986 e 1990 percebemos um aumento de 96,5% e entre as Copas de 1998 e 2002, um aumento de 109,1%). Para a Copa de 2014, no Brasil, a projeção é de um faturamento de 3,2 bilhões de dólares apenas com os direitos de TV.

<sup>33</sup> Fonte: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/04/02/tv-e-a-principal-fonte-de-receitas-da-fifa/> - acesso em 25/07/2013

<sup>34</sup> idem

A representatividade dessa receita no balanço financeiro da FIFA é muito grande (gráficos 3, e 4) correspondendo a mais de 50% do faturamento em anos de Copa do Mundo, com uma projeção de 64% para a Copa de 2014. A importância da TV no faturamento da FIFA fica clara quando olhamos para o horário dos jogos da Copa do Mundo de 2014. Durante a realização do Mundial, teremos jogos às 13 e 15 horas. Esse ato só tem uma explicação: satisfazer as televisões europeias que transmitirão o Mundial, pois assim os jogos serão exibidos no final da tarde (18 e 19 horas) ou no horário nobre (20 e 21 horas). Fato semelhante ocorreu em 1994 nos Estados Unidos, quando partidas foram jogadas entre as 11h30 e as 13h. No jogo entre Alemanha e Coréia do Sul os termômetros marcaram 46°C.

Mas, além dos direitos de TV, existem outras formas de receita da FIFA (gráfico 5) e em segundo lugar destacam-se os patrocínios. Aliás, patrocínio representou um grande debate na “Guerra de 2014” entre FIFA x Brasil. No Brasil, a lei do Estatuto do Torcedor proíbe, desde 2003, a venda de bebidas alcoólicas nos estádios, numa tentativa de conter a violência, as confusões e as brigas. O Ministro da Saúde e deputados ligados à área da saúde bem que tentaram mudar a situação, mas como uma das principais patrocinadoras da FIFA é a marca de cerveja *Budweiser*, que paga em média 25 milhões de dólares desde 1986, para ter sua marca exibida nos estádios e seu produto vendido nos mesmos, durante a Copa do Mundo teremos venda de cerveja dentro dos estádios, ignorando-se a lei e a soberania nacional. Em visita ao Brasil, o secretário-geral da FIFA Jerome Valcke disse "A bebida alcoólica é parte da Copa do Mundo da FIFA, então vai ter. Me desculpe, eu posso parecer um pouco arrogante, mas isso é algo que a gente não negocia. Tem que ser parte da lei o fato de que nós temos o direito de vender cerveja". Valcke ainda justificou dizendo que a parceira integra a AB InBev, da qual também faz parte a brasileira AmBev, e disse que o Brasil estava pedindo demais pelo fato de ter ganho cinco Copas do Mundo.

Gráfico 3 – Receitas com direitos de TV – Copa do Mundo FIFA<sup>35</sup>

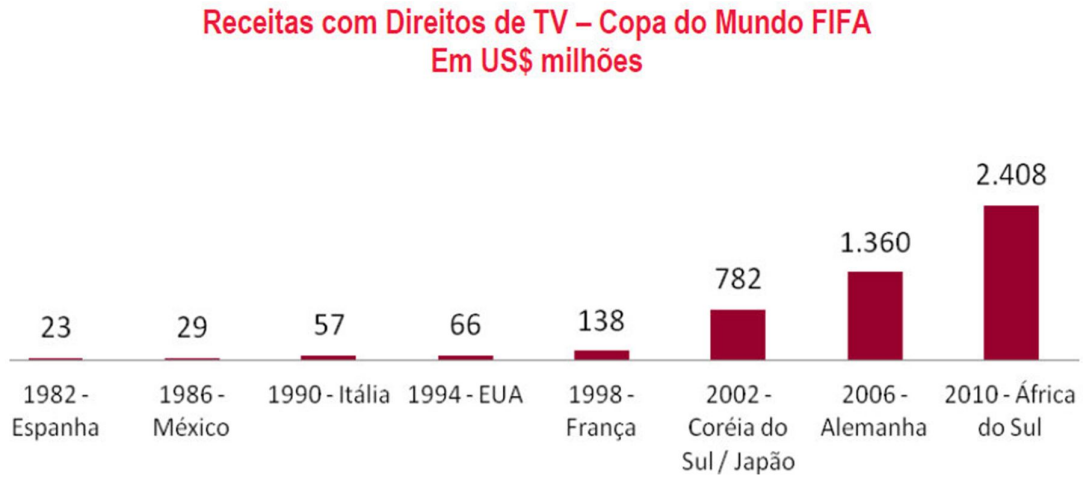
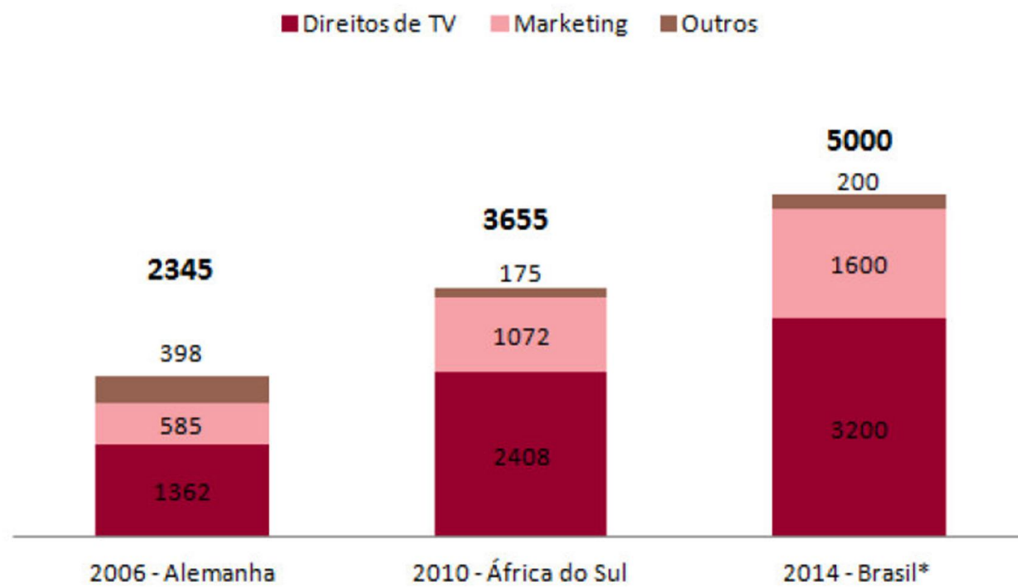


Gráfico 4 – Participação dos direitos de TV nas receitas da FIFA<sup>36</sup>

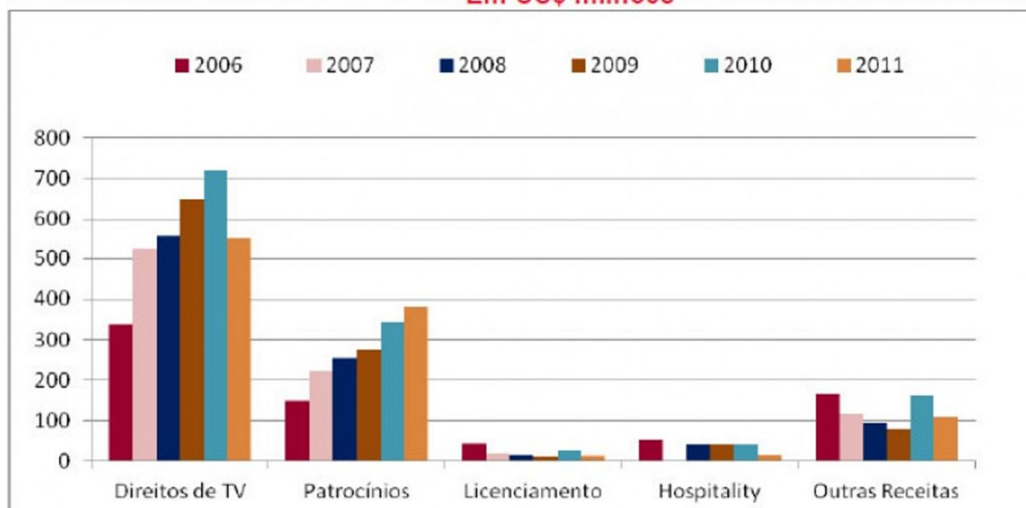


<sup>35</sup> Fonte: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/04/02/tv-e-a-principal-fonte-de-receitas-da-fifa/> - acesso em 25/07/2013

<sup>36</sup> idem

Gráfico 5 – Evolução – Fontes de receita da FIFA<sup>37</sup>

**Evolução – Fontes de receita - FIFA**  
Em US\$ milhões



A lei brasileira também será ignorada no que diz respeito à meia-entrada. Por lei, estudantes, idosos e algumas outras categorias da sociedade tem direito a pagar metade do preço em cinema, teatro, entrada para shows e ingressos para jogos de futebol. Mas a FIFA já disse que não praticará esse ato durante a Copa e o Brasil acatou a decisão. A FIFA também tentou impedir a instalação de juizados especiais dentro dos estádios (também previsto por lei) para julgar casos envolvendo brigas de torcedores durante a Copa das Confederações e da Copa do Mundo. A OAB criticou veemente essa ação e o caso chegou ao Conselho Nacional de Justiça. Pelo menos nessa batalha o Brasil saiu vencedor.

Para sediar uma Copa do Mundo o país interessado deve apresentar uma proposta ao Comitê Executivo da FIFA, que vai analisar uma série de requisitos (infra-estrutura, estádios, segurança, etc.) para determinar se o país apresenta ou não condições. Os países candidatos com condições participam da eleição por meio de voto secreto. A escolha da sede é realizada seis anos<sup>38</sup> antes da Copa do Mundo para dar tempo de o país se adequar às exigências. A FIFA, após a escolha de um país sede, impõe várias ações para a realização do evento (garantias do governo, infra-estrutura esportiva, direito de exclusividade da FIFA no que diz respeito à comercialização do evento, transporte, etc.) e uma série de obras devem ser realizadas, tanto de estrutura como de mobilidade. Às vezes, a atitude da FIFA quando chega

<sup>37</sup> Fonte: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/04/02/tv-e-a-principal-fonte-de-receitas-da-fifa/> - acesso em 25/07/2013

<sup>38</sup> Esse número muda de tempos em tempos e não é algo fixo.

no país sede é um tanto quanto arrogante. Quando foi realizado o sorteio das eliminatórias para a Copa de 2014, na Marina da Glória, em 2011, a entidade máxima do futebol ordenou o fechamento do Aeroporto Santos Dumont por quatro horas (duas antes da solenidade e duas após) e o Ministério do Esporte aceitou sem questionar. Durante a realização da Copa do Mundo, podemos dizer que a FIFA se torna uma espécie de “governo paralelo” no país. A FIFA possui os direitos de comercialização, mídia e *marketing* do evento, ou seja, o país sede não consegue obter lucro nenhum das marcas registradas da Copa do Mundo.

No Brasil, foram construídos ou reformados 12 estádios (dos quais cinco ainda não estão prontos<sup>39</sup>) no chamado “Padrão FIFA”, já ultrapassando os US\$ 8 bilhões em gastos (apenas com os estádios<sup>40</sup>), chegando a um total de R\$ 28 bilhões, segundo dados do Ministério do Esporte em junho de 2013<sup>41</sup>. A justificativa é que a maioria desses gastos foi em infra-estrutura e obras de mobilidade urbana. Segundo o Governo Federal, o evento deve atrair cerca de 500.000 estrangeiros que deixarão por aqui R\$ 3 bilhões, muito pouco se comparado ao valor investido. Mas se o retorno financeiro não é tão grande assim, qual a vantagem de se sediar uma Copa do Mundo? Para a África do Sul (sede da Copa do Mundo de 2010) ficaram claros pelo menos quatro benefícios: desenvolvimento da infra-estrutura, geração de empregos, crescimento do turismo e coesão social.

No Brasil, sede da Copa de 2014, podem ser criados feriados exclusivos durante a Copa e estrangeiros que já tenham garantido seu ingresso ou a confirmação de compra do mesmo podem receber visto gratuito e em caráter prioritário, no momento da solicitação de entrada no Brasil.

O caso da Copa do Mundo de 2014 no Brasil necessita de uma análise também quanto à questão de soberania. Muito foi divulgado e propagado que a FIFA, com suas regras e imposições, estava ferindo a soberania nacional brasileira. Vale lembrar que organização de uma Copa do Mundo, embora conte com a chancela do Estado, é um negócio realizado “entre duas entidades do direito privado” (ARANTES, p. 2) (a CBF e a FIFA). Soberania pode ser definida como “o poder supremo do Estado, representada pela sua capacidade de se organizar politicamente sem a interferência de terceiros” (ARANTES, p. 1). Os casos citados nos parágrafos acima demonstram que, durante a Copa de 2014, o governo brasileiro deverá suspender a aplicação do Código de Defesa do Consumidor; ignorará leis estaduais (que

---

<sup>39</sup> Dados de janeiro de 2014

<sup>40</sup> Fonte: [http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/estadios-Copa-governo-populacao-brasileira\\_0\\_940705956.html](http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/estadios-Copa-governo-populacao-brasileira_0_940705956.html) - acesso em 12/07/2013.

<sup>41</sup> Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/06/1297264-gastos-publicos-com-a-copa-2014-sobem-e-chegam-a-r-28-bilhoes.shtml> - acesso em 19/06/2013.

garantem meia entrada a estudantes e idosos) e o Estatuto do Torcedor. Essas normas da FIFA são conhecidas há bastante tempo e cabe ao país candidato ao evento analisar se a intervenção de um ente privado internacional em seus assuntos domésticos é aceitável, de acordo com sua soberania e suas respectivas normas. Portanto, quando o Brasil se candidatou à Copa do Mundo de 2014 (no ano de 2006), as condições eram conhecidas e foram previamente aceitas. Assim, não podemos reclamar da FIFA pelas ações que ela está tomando (apesar de algumas serem um tanto arbitrárias).

A FIFA não detém o poder de resolver situações que a diplomacia e a ONU não conseguiram, mas o futebol pode ser o ponto de partida para a solução, como já citado no capítulo I (casos de Israel/Palestina e Iugoslávia) e também no caso do Afeganistão que, em agosto de 2012, após uma década, pôde assistir um jogo internacional de sua seleção em Cabul (capital do país). O jogo foi disputado contra a seleção do Paquistão e foi uma ação da FIFA realizada através de um projeto que busca utilizar o esporte como ferramenta para mudança, após anos de conflitos sangrentos na região. A FIFA possui muita influência no cenário internacional, chegando mesmo a alterar leis nacionais (durante o período de realização de uma Copa do Mundo) e, pode usar essa influência e uma pequena parte dos milhões de dólares movimentados por ela todos os anos, para chegar em áreas onde a diplomacia não consegue, pois com seus programas sociais ela atinge os mais remotos cantos do mundo e pode vir a se tornar um ótimo agente transformador, ajudando a acabar com guerras e no restabelecimento da paz.



## CAPÍTULO IV – UMA PAUSA NO FUTEBOL: AS OLIMPÍADAS

A nível internacional, os acontecimentos desportivos como os Jogos Olímpicos e o Campeonato do Mundo proporcionam as únicas ocasiões, em tempos de paz, durante as quais nações inteiras podem unir-se com regularidade e de forma visível. A divulgação do desporto a nível internacional tem implicações no aumento da interdependência internacional e da existência, com várias exceções notáveis, de uma paz mundial frágil e instável. Confrontos como os Jogos Olímpicos permitem aos representantes das diferentes nações competirem entre si sem se matarem, ainda que o grau em que semelhantes provas de combates simulados se transformaram em confrontos “reais” esteja dependente, entre outros, do nível de tensão preexistente entre os Estados-nações envolvidos (SUPPO, 2012, p. 421 apud ELIAS; DUNNING, 1992, p. 325)

Apesar de o foco do trabalho ser o futebol, não podemos deixar de constatar que outros esportes também exercem o papel de promotores do poder e, existe lugar melhor para demonstrar isso do que durante os Jogos Olímpicos? Por isso, neste capítulo serão abordados casos em que houve essa correlação esporte/poder/Olimpíadas.

Os jogos Olímpicos são um grande evento internacional, com edições de inverno e verão, intercaladas a cada dois anos, e com a participação de milhares de atletas, nas mais variadas modalidades. Nos últimos Jogos Olímpicos de Inverno, realizados em Vancouver, Canadá, em 2010, participaram 2.622 atletas e nos últimos Jogos Olímpicos de Verão, realizados em Londres, Inglaterra, em 2012, foram cerca de 10.500 atletas competindo. A origem dos Jogos Olímpicos modernos remonta aos Jogos Olímpicos da Antiguidade, que eram realizados na cidade do Olímpia, Grécia, (é daí que vem o nome) entre o século VIII a.C e o século V d.C. Os Jogos eram uma honra a Zeus e em ano de Olimpíadas eram enviados arautos à toda Grécia comunicando a data das competições, para que a Trégua pudesse ser respeitada. A Trégua proibia guerras durante o período de realização do evento, visando proteger tanto os atletas quanto os espectadores durante sua vinda, sua estada e seu regresso. Houve uma longa paralisação, até que no século XIX, o Barão Pierre de Coubertin decidiu resgatar o espírito olímpico de cooperação, boa convivência e em 1894 ele criou o Comitê Olímpico Internacional (COI), com a realização dos I Jogos Olímpicos já em 1896, novamente na Grécia justamente para homenagear os criadores das Olimpíadas.

Como Ramos (2011) cita:

É de fato uma oportunidade única neste sentido: durante aproximadamente um mês grande parte dos veículos de comunicação do mundo noticiarão não apenas os resultados dos jogos, mas as cidades, opções de turismo e transporte, a cultura local e a capacidade do país de receber todos os seus convidados para o evento (RAMOS, 2011, p. 33)

Com uma participação global nos Jogos, conseqüentemente a audiência também é global, e, mesmo com o público acumulado das Olimpíadas sendo menor que o da Copa do Mundo, o evento representa uma excelente oportunidade de *marketing*, tanto para as empresas que anunciam, quanto para as redes de televisão que transmitem o evento. Enquanto a CBS pagou 394.000 dólares para transmitir os Jogos de Inverno de 1960 (os primeiros transmitidos pela TV para os Estados Unidos), o direito de transmissão dos Jogos de Inverno de 1998 foram comprados pela mesma CBS por 375 milhões de dólares. A NBC desembolsou 3,5 bilhões de dólares para transmitir os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno, entre 2000 e 2008. Esse aumento considerável no valor gasto pelas redes de televisão para transmitir os Jogos começou principalmente na época da Guerra Fria, quando as superpotências disputavam a supremacia política e militar, mas também utilizavam-se do cenário esportivo para demonstrar sua superioridade. O COI, percebendo isso, começou a investir mais na venda dos direitos de transmissão, o que permitiu a ele aumentar a exposição dos Jogos, gerando mais interesse, o que criou mais atrativos para os anunciantes que compraram espaço publicitário na televisão, o que aumentou a exposição dos Jogos e assim sucessivamente seguindo-se o ciclo.

Contudo, não foi apenas o COI que percebeu a grande repercussão dos jogos. A cartilha do movimento olímpico proíbe propagandas políticas durante a realização dos Jogos, mas é lógico que esportistas, muitas vezes movidos pela emoção, se manifestam politicamente, mas o protagonismo nessa área vem mais de cima, dos Estados. Da mesma forma, os Estados utilizam-se muito bem da realização do evento para se promoverem, tanto cultural quanto politicamente. Mesmo que, em princípio, todos os atletas tenham as mesmas chances de sucesso, independentemente do tamanho (territorial ou político) do Estado que representam, o quadro de medalhas se transformou em um excelente “termômetro comparativo do sucesso”(SUPPO, 2012, p. 406) e os Jogos transformam-se em plataforma dos governantes, interferindo ou sendo influenciados pelas relações entre os Estados e isso é perceptível desde

o início dos Jogos Modernos. Mas algumas edições ganharam mais destaque que outras nessa área.

#### **4.1 – Renascimento e as duas guerras.**

Como já foi citado, os Jogos Olímpicos modernos foram criados em 1896, tentando resgatar o que eram os Jogos Olímpicos da Grécia antiga. Não demorou muito para a política começar a interferir no espetáculo.

Nos Jogos de 1920, a presença política se tornou muito clara. A cidade de Antuérpia (Bélgica) recebeu os Jogos apenas por um motivo: seus cidadãos haviam lutado com bravura durante a Primeira Guerra Mundial.

Em 1924, nos Jogos de Paris, a Alemanha boicotou os Jogos, pois estava em uma situação tensa com os franceses pela situação no Vale do Ruhr. O Vale do Ruhr é a região metropolitana mais populosa da Alemanha e também a maior região industrial da Europa. Está situada no centro do estado da Renânia do Norte-Vestfália, ao longo do leito do rio Ruhr. Entre 1923 e 1925, no contexto das reparações impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes, o Vale do Ruhr foi incorporado por tropas belgas e francesas, o que causou a Guerra do Ruhr.

O *Führer*<sup>42</sup> Adolf Hitler fez de tudo para, durante as Olimpíadas de 1936, provar a superioridade da raça ariana. Os alemães cantavam o hino "Deutschland, Deutschland über Alles"<sup>43</sup> e o *SiegHeil*, a saudação nazista, era vista por todo o estádio. O sucesso de Hitler, de certa forma, foi alcançado já que a Alemanha liderou o ranking de medalhas, com 33 ouros. Só que justamente na prova mais nobre do atletismo, os 100 metros rasos, um negro levou o ouro. Jesse Owens<sup>44</sup> mostrou que competência não tinha nada a ver com raça ou religião e Hitler teve de deixar o Estádio Olímpico de Berlim antes da premiação, para evitar ver um negro sendo condecorado com a medalha de ouro, uma das cenas mais vexatórias dos Jogos.

Há ainda uma outra história envolvendo Hitler e Owens, que ocorreu na prova do salto em distância. O regime nazista apostava todas as suas fichas em Lutz Long, o melhor exemplo de modelo de atleta ariano. Na fase classificatória, Long estabeleceu um novo recorde olímpico logo no seu primeiro salto e Hitler, querendo ofender Owens, retirou-se do camarote. Talvez nervoso pela nova marca ou um tanto bravo com o desaforo de Hitler,

---

<sup>42</sup> Deriva do verbo alemão *führen*: "para conduzir" e significa líder, condutor, guia.

<sup>43</sup> Tradução: Alemanha, Alemanha acima de todos

<sup>44</sup> Na mesma edição dos Jogos, Owens ainda levou o ouro nos 200m rasos, revezamento 4x100m rasos e salto em distância.

Owens queimou seus dois primeiros saltos e só conseguiu se classificar após uma “dica” de Long de como deveria realizar seu salto. Dias depois, Owens conquistava a medalha de ouro e apesar do desapontamento que o resultado causou em Hitler, Long foi o primeiro a cumprimentar o vencedor e também o primeiro a ser fotografado ao lado dele (Imagem 4).

#### **4.2 – O pós II Guerra Mundial, a Guerra Fria e a disputa ideológica.**

Nos Jogos de 1948, ainda refletindo os acontecimentos da II Guerra Mundial, Japão e Alemanha não foram convidados a disputar. Os Jogos foram realizados em Londres, que teve a honraria de sediá-los pela segunda vez (a primeira havia sido em 1908), como um presente do COI em virtude do martírio que a cidade havia sofrido durante a Guerra, especialmente com os bombardeios realizados pela força aérea nazista durante o período de 1940-1941, que devastaram a capital inglesa, demonstrando que o fator esporte estava amplamente relacionado com as relações internacionais. Como o país ainda se recuperava da Guerra a maioria dos atletas foi alojada em barracas da *Royal Force Air*<sup>45</sup> ou em escolas.

Em 1952, a Guerra Fria foi transportada para as Olimpíadas. Essa foi a primeira edição dos Jogos que contou com a participação da União Soviética e a rivalidade com os Estados Unidos chegou também ao âmbito esportivo.

Em 1956, os Jogos foram boicotados por alguns países. A invasão soviética na Hungria causou os boicotes de Espanha, Países Baixos e Suíça. A presença anglo-francesa intervindo com tropas na questão do Canal de Suez, causou o boicote de Egito, Iraque e Líbano. Mas também ocorreu um fato curioso: apesar de a Alemanha ainda não estar dividida pelo muro de Berlim, ela já era dividida em Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental, mas as duas participaram como um time só, a Equipe Alemã Unida.

Em Roma-1960, os sul-africanos foram barrados graças ao seu regime racista e em Tóquio-1964 o foco político foi na abertura, quando um homem nascido no dia da explosão da bomba de Hiroshima acendeu a pira olímpica

Na edição de 1968 dos Jogos, realizada na Cidade do México, os corredores estadunidenses Tommie Smith (ouro) e John Carlos (bronze) fizeram a saudação *Black Power*<sup>46</sup> no pódio (Imagem 5), durante a cerimônia de premiação dos 200 metros rasos, em protesto contra o racismo que vigorava nos Estados Unidos.

---

<sup>45</sup> A *Royal Force Air* (RAF) é a Força Aérea Real inglesa.

<sup>46</sup> *Black Power* foi um movimento que enfatizou o orgulho racial e da criação de instituições culturais e políticas negras para cultivar e promover interesses coletivos, e segura autonomia para os negros.

Durante os Jogos de 1972, em Munique, um grupo de palestinos, membro do “Setembro Negro”<sup>47</sup>, invadiu o alojamento da delegação de Israel matando um treinador e um halterofilista e fazendo outros reféns. Eles pretendiam a libertação de 200 prisioneiros políticos árabes presos em Israel. Com os Jogos paralisados por 24 horas e as negociações correndo o esporte cedia espaço à política. As negociações não correram muito bem e o saldo final foi: nove israelenses e cinco terroristas mortos, três terroristas feridos.

Em 1976, o boicote novamente veio à tona nos Jogos. Liderados pela República do Congo, 26 países da África Negra, o Iraque e a Guiana se recusaram a participar dos Jogos, como uma forma de protesto contra o COI, pelo fato de este não ter suspenso a Nova Zelândia, que havia excursionado com sua seleção de rugby na África do Sul segregacionista do *apartheid*.<sup>48</sup>

Com o advento da Guerra Fria, as disputas entre Estados Unidos e União Soviética passaram a ser travadas também no plano esportivo, principalmente durante as Olimpíadas, nas quais o mundo todo podia ver o sucesso da delegação, que refletia o sucesso da nação. O governo comunista investia muito dinheiro em programas de desenvolvimento esportivo, pois, para os dirigentes, o esporte era um excelente instrumento de propaganda. Alegando uma represália em razão da invasão soviética no Afeganistão em 1979, os Estados Unidos não disputaram os Jogos de 1980 (em Moscou) e no boicote levaram consigo outros 69 países no que foi o maior boicote da história dos Jogos. Em uma resposta, os soviéticos não foram aos Jogos de 1984 (em Los Angeles) alegando desde falta de segurança e garantias fornecidas pelas autoridades estadunidenses aos atletas e dirigentes soviéticos enquanto esses estivessem em território inimigo, até o clima da cidade para sua ausência e levaram consigo outros 19 países.

A República Democrática da Alemanha também apresentava sucessos expressivos no âmbito esportivo durante a Guerra Fria, em especial nos anos 1980 (mesmo que muitas vezes os métodos utilizados fossem ilegais, como já citado anteriormente). Em números relativos, a República Democrática da Alemanha pode ser considerada a maior potência esportiva do planeta. Se tomarmos os Jogos Olímpicos de Seul (1988) como exemplo, a União Soviética conquistou 132 medalhas (55 ouros, 31 pratas e 46 bronzes), a República Democrática da

---

<sup>47</sup> O Setembro Negro foi um grupo militante secular palestino, fundado em 1970. O nome do grupo vem de uma série de conflitos entre militantes da OLP (Organização para a Libertação da Palestina) e o exército da Jordânia, conhecida como Setembro Negro

<sup>48</sup> *Apartheid* significa Separação foi um regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da grande maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca.

Alemanha ficou em 2º lugar com 102 medalhas (37 ouros, 35 pratas e 30 bronzes) e os Estados Unidos em 3º com 94 medalhas (36 ouros, 31 pratas e 27 pratas). Contudo, o desempenho alemão ganha destaque quando se leva em consideração que sua população à época era de 17 milhões de habitantes, enquanto os Estados Unidos possuíam 240 milhões e a União Soviética 280 milhões. Como já foi citado, a República Democrática da Alemanha investia pesado em esportes individuais (90% de todos os seus atletas competiam em esportes individuais), pois cada indivíduo equivaleria potencialmente a uma medalha e assim, resultaria em mais propaganda para o regime.

#### **4.3 – O fim da Guerra Fria e o admirável mundo novo**

Os Jogos de 1992, realizados em Barcelona, representaram uma nova era, principalmente pelos acontecimentos políticos recém-ocorridos. A União Soviética acabou seis meses antes do início das competições e assim doze estados formaram uma Equipe Unificada, formada por onze estados que formavam a Comunidade dos Estados mais a Geórgia Independentes, enquanto os Estados bálticos da Estônia, Letônia e Lituânia enviaram suas próprias equipes. Croácia, Eslovênia e Bósnia Herzegovina competiram como nações independentes depois da separação da Iugoslávia, que foi proibida de participar devido às sanções da ONU, mas atletas individuais da Iugoslávia foram autorizados a participar como Participantes Olímpicos Independentes. Os Jogos de Barcelona representaram a primeira edição dos Jogos desde 1964 em que as Alemanhas, já reunificadas, competiram como uma só nação. A África do Sul retornou aos Jogos após trinta e dois anos de ausência.

Os Jogos de 1996 deveriam, moralmente, ser realizados na Grécia, pois o ano marcava o centenário dos Jogos Modernos, mas os Estados Unidos demonstraram todo seu poder no cenário internacional quando conseguiram a realização dos Jogos.

A Grécia só viria a sediar os Jogos em 2004, uma das edições mais tensas dos Jogos, principalmente por decorrência dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001.

A edição de 2008 dos Jogos, realizada em Pequim, foi a última que apresentou uma considerável conotação política, tanto pelo fato do regime autoritário do governo chinês quanto pela então recente e cruel repressão no Tibete, que gerou grande número de deportações ao longo do evento. A marcha da tocha ao redor do mundo foi palco de numerosos protestos. Mas, mesmo que grande parte das instalações construídas para os Jogos estejam abandonadas hoje, estas serviram para aumentar o prestígio da China, tanto no âmbito nacional quanto no internacional. Uma contribuição política e simbólica importante para um

país que vem se desenvolvendo a taxas impressionantes e busca uma maior inserção no cenário internacional político, econômico e comercial.

Além do viés político, o interesse econômico também motiva um país a querer ser sede de uma edição dos Jogos Olímpicos. Os Jogos de 1984 são considerados os mais bem sucedidos da história, apresentando um lucro de US\$ 250 milhões.

Mas nem sempre os números são vantajosos. Os Jogos de 1992, em Barcelona, totalizaram um lucro de US\$ 5 milhões, um valor pequeno se comparado aos bilhões de dólares investidos durante os anos anteriores para viabilizar a realização do evento, mas o ganho para a população da cidade, com a recuperação de áreas degradadas, melhoria no sistema de transportes e na qualidade de vida representam valores que não podem ser medidos em números.

É interessante ressaltar, por outro lado, que uma das causas da crise econômica que vem atingindo a Grécia nos últimos anos tem sua origem na realização dos Jogos Olímpicos de 2004, quando um investimento de cerca de 9 bilhões de euros, cerca de 7 bilhões dos quais vieram do governo, somada à adesão ao Euro com uma política fiscal frouxa, corroeu as bases da economia grega. A dívida pública grega era de 77% do PIB em 2000, 110,33% em 2004 e 144,9% em 2010<sup>49</sup>.

Imagem 4 – Jesse Owens e Lutz Long durante os jogos de 1936<sup>50</sup>



<sup>49</sup> Para os Jogos do Rio de Janeiro, em 2016, o orçamento previsto no dossiê estava avaliado em R\$ 28,8 bilhões, R\$ 7,5 bilhões a mais do que os Jogos de Atenas.

<sup>50</sup> Fonte: <http://www.theguardian.com/sport/2009/mar/29/10-sporting-gestures> - acesso em 25/07/2013.

Imagem 5 – Black Power<sup>51</sup>



<sup>51</sup> Fonte: <http://cavernagrafica.es/?p=333> – acesso em 25/07/2013



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos exemplos demonstrados ao longo do texto, ficou claro que o futebol é uma excelente ferramenta de promoção nacional, principalmente pela Alemanha nazista e pela Itália fascista. No caso argentino, mesmo com uma vitória na Copa do Mundo, vencida em casa, o futebol não conseguiu se transformar naquilo que os militares queriam: uma ferramenta de legitimação do regime. No Brasil, o regime também se utilizou do futebol para se promover. Na introdução foi mencionado que (o futebol): “tem uma relevância política muito grande e é um dos mais eficazes mecanismos de mobilização social nos dias de hoje, além de ser um recurso de identidade regional, nacional e continental. (...) Essa afirmação se comprova ao longo do texto, conforme são explicitados os casos, com destaque especial para os regimes nazista e fascista, os regimes militares na América do Sul, o caso das ex-repúblicas da Iugoslávia (com um destaque mais especial ainda para o Estrela Vermelha, da Sérvia), e o Barcelona, foco de resistência contra o General Franco. O futebol ainda pode vir a desempenhar papel importante em muitas conjecturas. Levando em conta os países que estão passando por processos de mudanças estruturais ou revoluções, não podemos deixar de pensar que o futebol poderá se tornar um instrumento de coesão social.

Mesmo sendo difícil de medir o nível de eficiência do futebol como *soft power*, não podemos ignorar as influências políticas existentes nesse esporte, da mesma maneira que não podemos negar que o futebol é uma excelente vitrine para divulgação de modas, marcas e aspectos culturais

Com os casos explicitados nos capítulos anteriores, ficou claro que o futebol é um exemplar instrumento político, utilizado amplamente pelos governos de todas as partes do Mundo e entes privados. É também uma forma de demonstração de nacionalismos e regionalismos. Tão importante que existem nações que ainda não são Estados reconhecidos pela ONU, mas possuem sua seleção de futebol. Além disso, o futebol movimenta cifras milionárias todos os anos ao redor do mundo, com pagamento de direitos de transmissão, *marketing*, patrocínios, vendas de jogadores, venda de ingressos e de produtos licenciados, etc., dinheiro esse que, além de ajudar os clubes e a FIFA, também é usado para ajudar países atingidos por desastres naturais.

Falando em FIFA, a entidade máxima do futebol mundial, que juridicamente é uma entidade sem fins lucrativos, aumenta seu faturamento ano após ano, com cifras que são maiores do que o PIB de alguns países. Além disso, durante a realização da Copa do Mundo

de futebol, a FIFA se torna uma espécie de governo paralelo no país sede, impondo ações e exigências. Durante a Copa do Mundo da África do Sul, por exemplo, somente a FIFA podia utilizar-se de termos como “República da África do Sul 2010” e “África do Sul 2010” bem como de qualquer dos nomes das cidades sede seguidos de “2010”. Mas, governo nenhum pode reclamar (diferentemente da sua população) da interferência da FIFA, pois espera-se que, quando do lançamento da candidatura à Copa do Mundo, o país saiba das consequências que virão com uma futura vitória.

Eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas se transformaram em excelentes plataformas para governos (principalmente os totalitários) promoverem seus regimes. Assim foi com a Itália de Mussolini nas Copas de 1934 e 1938; com a Alemanha de Hitler nas Olimpíadas de 1936; com a União Soviética e os Estados Unidos em todas as Olimpíadas durante a Guerra Fria; com o Brasil de Médici durante a Copa de 1970; com a Argentina de Videla durante a Copa de 1978; entre outros. Casos como esses demonstram que os governantes conheciam o poder de abrangência do futebol e sua importância para a população. Com relação às Olimpíadas, levando-se em consideração que o número de nações participantes é bem maior do que a Copa do Mundo, a abrangência do evento também é bem maior e, mesmo o COI proibindo propagandas políticas durante a realização dos jogos, eles se tornam constantemente plataformas para manifestação ou promoção políticas. Conforme foi explicitado, alguns Estados tentam demonstrar que apresentaram um sucesso esportivo graças ao seu sucesso político, assim, como foi citado no capítulo III: “o quadro de medalhas se transformou em um excelente termômetro comparativo do sucesso”.

Em praticamente todas as edições dos jogos tivemos alguma influência, interferência ou correlação política. Mas nenhuma se compara ao ocorrido nos Jogos de 1972, e já explicitado neste trabalho. Essa ação deixa muito bem clara a importância que o esporte apresenta no campo das relações entre os Estados, pois, se os sequestrados não fossem membros da delegação israelense, que estavam participando de uma Olimpíada e, portanto, com visibilidade mundial, o desfecho teria sido o mesmo? A resposta teria sido tão ofensiva como foi? Eu particularmente acredito, a despeito da impossibilidade de comprovação contractual, que não.

Durante as Olimpíadas na Antiguidade havia a chamada Trégua Olímpica, quando a movimentação de pessoas era liberada entre a cidade de Olímpia e os locais dos Jogos, com a segurança garantida. Durante a realização da I Guerra Mundial, houve o episódio conhecido como “*Trégua de Natal*”, quando, em 1914, durante a semana que antecedeu o Natal, os

soldados alemães e britânicos trocaram saudações festivas e canções entre suas trincheiras. Na véspera e no dia de Natal, muitos soldados de ambos os lados (e alguns franceses) se encontraram, trocaram alimentos e presentes, entoaram cantos natalinos e até jogaram uma partida de futebol, mesmo contra a vontade dos comandantes. Hoje em dia o esporte não tem mais o poder de parar conflitos (houve paralisação das Olimpíadas em 1916, por culpa da Primeira Guerra Mundial, e em 1940 e 1944 por culpa da Segunda e das Copas do Mundo de 1942 e 1946 também por culpa da Segunda Guerra Mundial), mas ainda tem a capacidade de fascinar a humanidade, projetar valores e envolver o mundo em uma atmosfera de compreensão, além de representarem um excelente cenário para o incremento das relações internacionais. Fato curioso é que apenas três meses após o fim da Segunda Guerra Mundial, os membros do Comitê Olímpico Internacional (COI) já se reuniam para providenciar os preparativos dos próximos Jogos Olímpicos. Também ocorreu isso com a Copa do Mundo, que cogitou-se realizar em 1949, portanto quatro anos após o fim da Guerra, mas preferiu-se manter a continuidade, realizando-se o torneio em 1950.

Portanto o esporte, e principalmente o futebol, é uma ferramenta não apenas viável, mas muito eficiente para a promoção de um Estado no cenário internacional e no que diz respeito à consolidação de uma identidade nacional. Se bem utilizado o futebol pode se tornar um excepcional instrumento no exercício do *soft power* e na geração de prestígio para o país ou para o governante. O futebol desempenha também um papel na aproximação de Estados e no estreitamento de seus laços, abrindo caminho para futuras relações. Ainda, não podemos deixar de mencionar que não há nada próximo ao esporte no mundo no que se refere à exposição da imagem de um país, o que pode ser comprovado pelo fato de que as Olimpíadas de Londres (2012) foram o evento mais assistido na história da televisão mundial e antes disso, o primeiro lugar era ocupado pela Copa do Mundo de 2010.

Assim, levando em conta tudo o que foi abordado nesse trabalho, cabe ao campo de Relações Internacionais se abrir para pensar a dimensão esportiva, pois é uma área que não pode mais ser ignorada pelos analistas da área, devido a sua magnitude e importância do cenário mundial, levando em conta que o futebol, além de ser um constituinte do tecido social, é manipulador de massas, uma excelente fonte de legitimidade política a partir do século XX e um instrumento dos Estados (e dos entes privados) para demonstrarem sua força e influência. O futebol é capaz de fazer inimigos políticos sentarem-se lado a lado, como quando os presidentes de Turquia e Armênia assistiram um jogo das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2010. Essa situação seria impensável alguns anos antes, já que os dois

países nutriam um ódio mútuo desde a I Guerra Mundial. A diplomacia do futebol deu sua contribuição para neutralizar a oposição a um acordo para reabrir as fronteiras e restaurar as relações entre os dois países. Desta feita, cabe aos países utilizarem-se do futebol da melhor maneira possível, para que os ganhos políticos possam ocorrer ao mesmo tempo em que o espetáculo seja mantido. Os fãs agradecem.

## REFERÊNCIAS

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz; MATHIAS, Ana Luiza Terra Costa. **Identidades e diferenças: o caso da guerra civil na antiga Iugoslávia**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais vol. 4 nº8, dezembro de 2012.

ALABARCES, Pablo. **Futbologias: Fútbol, Identidad e Violencia en América Latina**. Buenos Aires, Argentina: CLASCO, 2003.

ALVES, Ana Carolina de Souza; FREITAS, Bianca Nascimento. **Fragmentos de Memória(s): Ditadura Uruguaia (1973-1985)**. Disponível em: [http://www.amerindia.ufc.br/Anteriores/Vol07/vol07\\_08.pdf](http://www.amerindia.ufc.br/Anteriores/Vol07/vol07_08.pdf) - acesso em 20/09/2013

AMAZARRAY, Igor Chagas. **Futebol: O esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional**. UFRGS, 2011 (monografia).

ARAÚJO, Maria Celina Soares; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. **Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BAYLIS, John; SMITH, Steve; OWENS, Patricia. **The Globalization of World Politics**. New York: Oxford University Press, 2011.

BONIFACE, Pascal. **Football as a factor (and reflection) of international politics**. Disponível em: <http://www.sciencespo.fr/ceci/sites/sciencespo.fr/ceci/files/artpb.pdf> - acesso em 26/05/2013.

BRAGA, Daniel Collyer. **Futebol e Guerra: Uma questão história, política e midiática**. Rio de Janeiro, 2011. (monografia). Disponível em: <http://pt.slideshare.net/danielcollyer/tcc-14907638> - acesso em 20/12/2013.

BUENO, Eduardo; BUENO, Fernando. **A América aos Nossos Pés: 25 anos de uma Libertadores de verdade**. Porto Alegre: Virtual Livros, 2008.

CARDOSO, Daniel; GUIMARÃES, Felipe L., RIBEIRO, João Ricardo A.J., SOUZA, Oldon M. de. **Guerra e Esporte**. Revista Eclética (PUC-RJ) nº 36 – jan-jun 1999. Disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/13%20-%20guerra%20e%20esporte.pdf> – acesso em 19/07/2013.

CARRANO, Paulo Cesar R. (org.). **Futebol: Paixão e Política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CARRIÓN, Fernando. **La gol-balización del fútbol**. Revista de pensamiento iberoamericano, num. 14, primavera, 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=52001403> – acesso em 25/04/2013.

CARVALHO, Alexandre M. Jorge de. **Os Jogos Olímpicos como reflexo de marcos históricos da humanidade.** Disponível em: <http://olympicstudies.uab.es/brasil/pdf/77.pdf> – acesso em 20/06/2013.

CARVALHO, Beatriz Thomaz de. **Futebol, identidade e as relações Brasil-Argentina: a luta simbólica pela hegemonia na América do Sul.** Disponível em: [http://www.ppgri.uerj.br/form/Futebol identidade e as relacoes Brasil Argentina Beatriz Carvalho site.pdf](http://www.ppgri.uerj.br/form/Futebol%20identidade%20e%20as%20relacoes%20Brasil%20Argentina%20Beatriz%20Carvalho_site.pdf) - acesso em 25/04/2013.

CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais.** Brasília: FUNAG, 2012.

CONTREIRAS, Hélio. **AI-5: A opressão no Brasil:** um repórter nos bastidores políticos das ditaduras do Cone Sul. Rio de Janeiro: Record, 2005.

DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira (Org.); SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). **Memória Social dos Esportes:** Futebol e política – a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.

DA SILVA, Renata Freitas. **Copa do Mundo de 2014:** a política externa brasileira em perspectiva. Disponível em: [http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/1071/1/2010\\_RenataFreitasSilva.pdf](http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/1071/1/2010_RenataFreitasSilva.pdf) - acesso em 25/02/2013.

DIENSTMANN, Cláudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. **Um século de futebol no Brasil.** Porto Alegre: Aplub, 1994.

DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve. **International Relations Theories:** Discipline and Diversity. New York: Oxford University Press, 2010.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca de excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

FIFA. **FIFA Financial Report 2012.** Disponível em: [http://www.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/03/94/62/fr12\\_en.pdf](http://www.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/03/94/62/fr12_en.pdf)- acesso em 25/04/2013.

FOER, Franklin. **Como o Futebol Explica o Mundo:** Um olhar inesperado sobre a globalização. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Guerra, diplomacia e mapas:** a Guerra da Sucessão Espanhola, o Tratado de Utrecht e a América portuguesa na cartografia de D`Anville. Revista TOPOI, v.12, n.23, jul-dez 2011, p.66-83.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol:** Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brasil e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GONÇALVES, Adeldo. **Futebol e Política.** Disponível em: <http://metacritica.ulusofona.pt/Futebol%20e%20politica.pdf> – acesso em 25/04/2013

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 70.** Disponível em [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2834](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2834) – acesso em 25/04/2013.

HOULIHAN, Barrie. **Sport and International Politics.** Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1994.

JUNIOR, Hilário Franco. **A Dança dos deuses: Futebol, Sociedade, Cultura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **A Guerra do Futebol,** Companhia das Letras

KOONINGS, Kees; KRUIJT, Dirk. **Societies of fear: the legacy of civil war, violence and terror in Latin America.** New York: Zed Books, 1999.

LIMA, André Chermot de. **Copa da cultura.** O campeonato mundial de futebol como instrumento para a promoção da cultura brasileira no exterior. Brasília: FUNAG, 2013.

LOWE, B.; KANIN, D.B.; STRENK, A (Ed.) **Sport and International Relations.** Champaign: Stipes Publishing Company, 1978.

MACHADO, Felipe Augusto. **Futebol e Nacionalismo no Pós-Guerra Fria: Uma abordagem das Relações Internacionais.** UFRGS, 2009 (monografia).

MKHONDO, Rick. Como tolerar a arrogância da FIFA. Diretor de Comunicações do Comitê Organizador da África do Sul ensina os brasileiros. **O Globo**, 9 mar. 2012.

MOTA, Miguel. **Boys Will Be Hooligans: History and Masculine Communities in John King's England Away.** Philadelphia. Heldref Publications, 2009.

MUNOZ, Heraldo. **A Sombra do Ditador – Memórias Políticas do Chile sob Pinochet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2012.

NELSON, Alexander. **World Cup Fever, Nationalism, and the Ambiguous Alliance of Nation-States and Transnational Corporations.** Disponível em [http://lilt.ilstu.edu/critique/fall%202007/docs/alexander\\_nelson\\_pdf.pdf](http://lilt.ilstu.edu/critique/fall%202007/docs/alexander_nelson_pdf.pdf) - acesso em 19/04/2013

NYE, Joseph S. **O futuro do poder.** São Paulo: Benvirá, 2002.

RAMOS, Pedro de Oliveira. **Porque a FIFA funciona?** Uma análise da organização internacional que controla o futebol no mundo. Disponível em: [http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2446/1/2011\\_PedrodeOliveiraRamos.pdf](http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2446/1/2011_PedrodeOliveiraRamos.pdf) - acesso em: 25/03/2013.

REYES, Karina G. García. **Olimpiadas y Copa Mundial de Fútbol: ¿Competencias deportivas o instrumentos políticos?** Revista CONfines 3/6 agosto-diciembre 2007. Disponível em: <http://confines.mty.itesm.mx/articulos6/GarciaK.pdf> - acesso em 24/04/2013.

RESENDE, Carlos Augusto Rollemberg de. **O esporte na política externa do governo Lula: o importante é competir?** Revista meridiano 47 vol. 11, n. 122, nov-dez 2010. – disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/MED/article/view/1595/1569>

RIBEIRO, Luiz (org.). **Futebol e Globalização**. Jundiaí-SP: Fontoura, 2007.

RIBEIRO, Maria Fatima B., FERNANDES, Cássia C. C., VIEL, Roberta. **Futebol Brasileiro, de cultura popular à espetáculo global: uma análise das relações internacionais**. Artigo publicado no Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (Niterói-RJ setembro de 2012). Disponível em: <http://www.aninter.com.br/ANAIS%20I%20CONITER/GT05%20Cultura,%20multiculturalismo%20e%20interculturalidade/FUTEBOL%20BRASILEIRO,%20DE%20CULTURA%20POPULAR%20%20C0%20ESPET%20CULO%20GLOBAL,%20UMA%20AN%20CILISE%20DAS%20RELA%20C7%20DES%20INTERNACIONAIS%20-%20RESUMO.pdf> – acesso em 25/04/2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SARFATI, Gilberto. **Teoria das Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.

SCHILLING, Voltaire. **Cadernos de História Memorial do Rio Grande do Sul, nº 14**. Secretaria Estadual da Cultura do Rio Grande do Sul.

SUPPO, Hugo. **Reflexões sobre o lugar do esporte nas Relações Internacionais**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cint/v34n2/a02v34n2.pdf> - acesso em 25/04/2013.

VASCONCELLOS, Douglas Vanderley de. **Esporte, Poder e Relações Internacionais**. Brasília: FUNAG, 2011.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

*L'Assemblée fédérale de la Confédération suisse. Code civil suisse* du 10 décembre 1907 (Etat le 1er janvier 2008)

Boletim OPSA 04 – out/dez, 2013

ESPN. Documentário: **Memórias do Chumbo: O futebol nos tempos do condor**. Produzido por Lúcio de Castro. 2012

<http://sportv.globo.com/bola-e-arte/platb/2012/11/17/as-historias-de-cinco-jogadores-que-desafiaram-o-sistema-com-a-bola-nos-pes/> - acesso em 20/01/2013

<http://www.nytimes.com/2002/05/26/magazine/the-world-s-game-is-not-just-a-game.html?pagewanted=all&src=pm> – acesso em 21/01/2013

<http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2010/07/14/brasil-x-fifa-%E2%80%93-a-guerra-de-2014/> - 18/02/2013



<http://www.insideworldfootball.com/inside-insight/12459-money-rules-the-game-what-else-is-new?highlight=WyJwb3dlciJd> – acesso em 06/05/2013

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/a-diplomacia-dos-gramados> - acesso em 13/05/2013

<http://pt.footballs.fifa.com/Conceito/Sobre-FIFA> - acesso em 13/05/2013

<http://blogceiri.com.br/a-rivalidade-futebolistica-identitaria-entre-brasil-e-argentina/> - acesso em 14/05/2013

<http://www.insideworldfootball.com/world-cup/brazil-2014/12899-brazil-s-fifa-law-challenged-by-federal-prosecutor-over-tax-liability?highlight=WyJwb3dlciJd> – acesso em 20/07/2013

<http://www.insideworldfootball.com/world-football/asia/13111-after-war-comes-football-afghans-play-at-home-after-10-year-gap?highlight=WyJwb3dlciJd> - acesso em 23/08/2013

<http://www.insideworldfootball.com/fifa/13193-historic-talks-pave-way-for-opening-israel-palestine-football-borders> - acesso em 06/09/2013

[http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=11157&revista\\_caderno=9](http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11157&revista_caderno=9) – acesso em 10/10/2013